

ILUSTRAÇÃO

QUATRO
ESQUADROS



LISBOA, 31 DE JULHO DE 1931

:: Ano VI ::

A REVISTA PORTUGUESA
: DE MAIOR TIRAGEM :
: E EXPANSÃO :

:: N.º 135 ::

Uma partida de "Tennis" é um esplendido assunto para um instantâneo



faça-o e envie as provas ao
Concurso Internacional Kodak

NINGUEM pôde prever qual será a fotografia que ganhará o «Concurso Internacional Kodak», nem qual será o assunto da mesma. Todas as que forem enviadas tem as mesmas probabilidades e, talvez, a sua seja a preferida!

Todos os países do mundo esperam triunfar. Ponha o melhor do seu esforço para que Portugal seja o vencedor e, para este fim, envie muitas fotografias. Quantas mais melhor!

Concorra ainda que nunca tenha sido um hábil amador, pois poucos minutos bastarão para aprender o manejo de um «Brownie» ou de um «Hawk-Eye» e só o interesse da fotografia influirá na decisão do Júri.

Comece imediatamente a fazer fotografias para o Concurso, não esquecendo que o seu triunfo representa o triunfo de Portugal.

● Por Esc. 50.000 pôde adquirir um Popular Hawk-Eye que lhe permitirá fazer «fotos» capazes de ganharem muitos prémios.

Prémios

NACIONAIS

Grande Prémio de	10.000 es-
cudos, e mais 66 assim:	
6 Prémios de Esc.	1.000.000
6 " " "	400.000
6 " " "	200.000
12 " " "	100.000
36 " " "	50.000

INTERNACIONAIS

Grande Prémio Internacional de	10.000 dolares e Trofeu Kodak.
Seis 1.º prémios de	1.000 dolares

Categorias

SEIS CATEGORIAS

- A — Creanças
- B — Ar livre
- C — Desportos
- D — Naturezas mortas, arquitectura e interiores
- E — Retratos
- F — Fotografias de animais

As fotografias são recebidas desde 1 de Maio até 31 de Agosto de 1931.

Pedir a qualquer revendedor «Kodak» ou à «Kodak Ltd.», Rua Garrett, 33 — Lisboa, as condições do Concurso.

● Se quer uma Pelicula resultados garantidos, empregue a Pelicula Kodak na caixa amarela com a inscrição «Kodak-Film».



CONCURSO INTERNACIONAL "KODAK"
para fotografos amadores, 375.000 escudos de prémios



Indanthren

**Em que se reconhece o artigo
Indanthren?**

Certamente V. Exa. já reparou que certos tecidos, especialmente os de padrões bonitos e modernos, de algodão, seda artificial e linho, têm uma pequena etiqueta com a marca aqui reproduzida. Estes tecidos são de côres INDANTHREN, o que quer dizer que as côres são de uma

**solidez inexcedida
à lavagem, ao sol e às intempéries.**

Comprando tecidos com esta marca V. Exa. pode ter a certeza de que as côres nunca largam, nem desbotam, desde que se lhes dê um tratamento razoavel. Sempre que um artigo de algodão, seda artificial ou linho tenha a acreditada marca INDANTHREN, fica V. Exa. sabendo que as suas côres são de maxima solidez. Esta marca só pode ser aplicada em tecidos e fios que tenham sido tingidos ou estampados com os conhecidos côrantes Indanthren. Todo o abuso desta etiqueta será perseguido.

Faça o favor de perguntar ao seu fornecedor; êle lhe confirmará que não há melhor.

Bolachas

Nacional

a grande
m a r c a
portuguesa

*Variadas e Saborosissimas Qualidades
Um Unico Fabrico: O Melhor*

Todos, novos e velhos,

usam os

Lithinés du Dr Gustin

Contra todas as afeções dos

Rins, Fígado, Bexiga

Estomago, Articulações.

Bebida deliciosa

ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

de que é autor o ilustre professor e pintor
J. RIBEIRO CRISTINO DA SILVA

Um volume de 710 páginas, com
641 gravuras, encadernado
em percalina, 30\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
RUA GARRETT, 73 e 75 — LISBOA

Revelação do Segredo da Influência Pessoal

MÉTODO SIMPLES QUE TÔDA A GENTE PODE EMPREGAR PARA DESENVOLVER AS FORÇAS DE MAGNETISMO PESSOAL, A MEMÓRIA, A CONCENTRAÇÃO E A FORÇA DE VONTADE, E PARA CORRIGIR OS HÁBITOS PERNICIOSOS POR MEIO DA MARAVILHOSA CIÊNCIA DE SUGGESTÃO. LIVRO DE 80 PÁGINAS DESCRIVENDO DETALHADAMENTE ESTE MÉTODO ÚNICO, BEM COMO UM ESTUDO PSICO-ANALÍTICO DO CARÁCTER, MANDADOS GRATUITAMENTE A QUEM ESCREVER IMEDIATAMENTE.

«A maravilhosa força da Influência Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Controle do Espírito, denominem-na como quiserem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus atractivos pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu sucesso na vida», diz o sr. Elmer E. Knowles, autor do novo livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores». Este livro revela factos tão numerosos como extraordinários das práticas dos Yogis da Índia, e expõe um sistema único no seu género para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal, das Forças Hipnóticas e Telepáticas, da Memória, da Concentração, das Forças de Vontade e para a correcção dos maus hábitos por meio da maravilhosa ciência da Suggestão.

O Sr. Arne Krogh escreve: «A sua obra está cheia de verdades profundas e tão naturais que me não preocupavam antes de ser posto em face delas. Não me foram revelados novos pensamentos, mas sim os meus próprios. A minha inteligência e as minhas forças despertaram e ordenaram-se de tal maneira que posso agora tirar o melhor partido delas. Este livro, espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproduções fotográficas, demonstrando como estas forças invisíveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de supôr. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituição de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Além da distribuição graciosa do livro, será igualmente enviado a toda a gente que escrever imediatamente, um estudo do seu carácter. Este estudo, preparado pelo Prof. Knowles, contará 400 a 500 palavras. Se deseja, pois, receber um exemplar do livro do Prof. Knowles e o estudo do seu carácter, copie simplesmente com a sua própria mão as seguintes linhas:

«Quero o poder do espírito,
A força e o poder no meu olhar.
Quiera ler o meu carácter
E mandar-me o seu livro.»

Escreva muito ligeiramente o seu nome e endereço completo, (indicando Senhor ou Senhora), e dirija a sua carta à PSYCHOLOGY FOUNDATION, S. A. Distribuição gratuita, (Dept. 6045), Rua de Londres, N.º 18, Bruxelas, Bélgica. Se quiser, pode juntar à sua carta Esc. 2\$70 em selos do correio do seu país, para a despesa com a franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o selo suficiente. A franquia para a Bélgica é 1\$25 Esc.



Sr. Arne Krogh

NOVIDADE SENSACIONAL

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida, utilizando sempre o



PREÇO

15\$00

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), penteia-se com a cabeça ainda húmida, com o **Pente Ondulador**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.
Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda: **Academia Científica de Beleza**

M. me Campos Avenida da Liberdade, 35 LISBOA

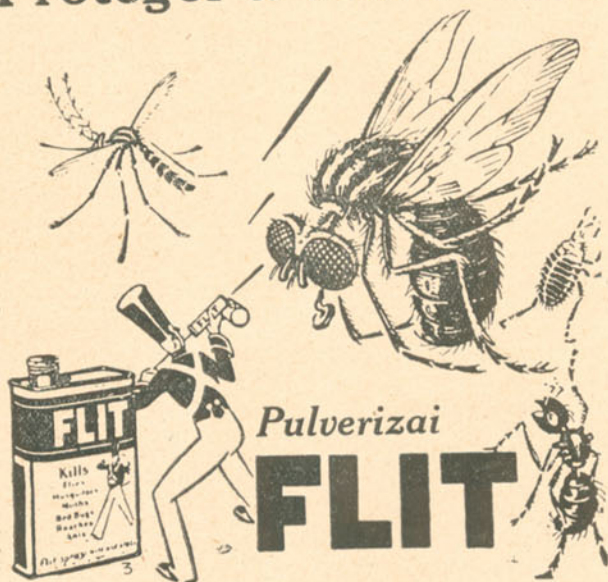
UM ARGUMENTO DE PESO



Mais de 150 anos

de justificada fama, garantem ser a **FARINHA DE S. BENTO** um poderoso alimento não só para crianças como para pessoas de todas as idades e, em especial, fracas ou idosas. Vende-se em todos os bons estabelecimentos e no Depósito Geral: R. DE S. BENTO, 374 — LISBOA. — Telefone Norte 3670

Protegei a vossa Casa



Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, **DIATERMIA**
e Maçagens. — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



Emmeico

— "De todos estes livros que teu marido tem na
Biblioteca, que lêz tu de preferéncia?"
— "O Magazine Bertrand!"



Como está desenvolvido!

A razão é simples: os Alimentos *Allenburys* assemelham-se extraordinariamente ao leite materno. Quando este lhes faltar ou seja pouco recomendável, não hesitem um só momento: dêem *Allenburys* aos seus bebés.

Allenburys

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys"

MÃES!
PEÇAM HOJE MESMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.



ALLEN & HANBURYS Ltd., LONDON.
Agentes Exclusivos
Coll Taylor Ltda., Rua dos Douradores 29, 1ª, Lisboa

"Antes prevenir ou curar
que sofrer"

VICHY

reconhecidamente o melhor tratamento
para todas as doenças do fígado
e estomago e sofrimentos
semelhantes

Epoca: ABRIL-OUTUBRO

Numerosos hotéis de todas as
categorias — Casinos — Teatro —
Corridas de cavalos — Golf —
Tennis — Poio

Por varios médicos e em todos os grandes
hotéis é falado o português

Informações:

SYNDICAT D'INITIATIVE DE VICHY



FÉRIAS

O belo tempo das férias tem muitas vezes o seu reverso. A mudança de hábitos e de alimentação põe à prova os nossos estomagos, expondo-nos a más digestões que estragam o nosso prazer, como a chuva estraga a mais linda paisagem. Para se prevenir contra esse inconveniente e fazer sempre bem as suas digestões, leve V.Exa. consigo saes de Fructa "Eno". Pó efervescente, sem assucar nem sal mineral purgativo, "Eno" tonifica o estomago, mantém o bom funcionamento dos intestinos e, per consequencia, as condições de boa saúde. "Eno" pode ser tomado por todos, até pelas crianças.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã e á noite.

SAL DE FRUCTA **ENO** "FRUIT SALT"

Depositaros em Portugal: **Robinson, Bardsley & Co., Ltd.**
8, Caes do Sodré, LISBOA.

PARA
VIAGEM
PRAIA
SPORT



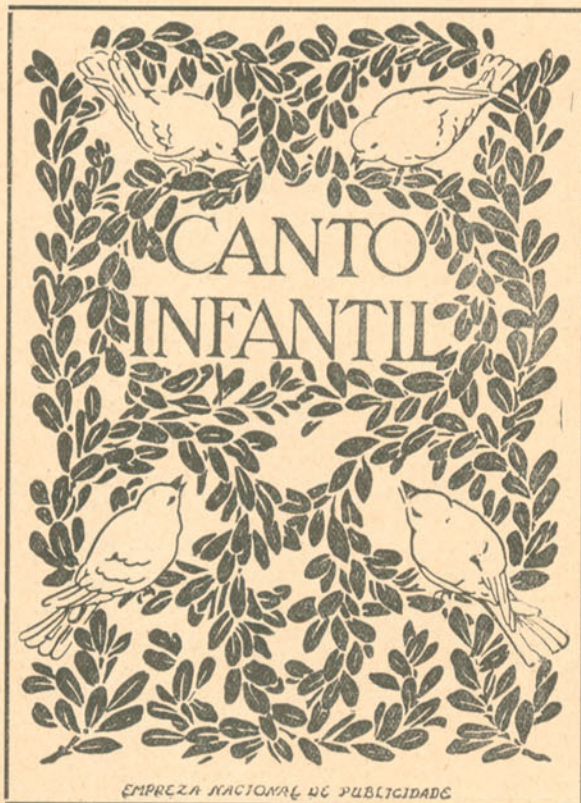
serve particularmente o

Vestuario "Bleyle"

por ser comodo, elastico e poroso. Devido ás suas grandes vantagens higienicas, á sua elegancia e ás suas superiores qualidades, este vestuario conquista cada vez mais terreno. O grande sortido em modelos e côres modernas (estas inalteraveis) satisfaz os gostos mais exigentes.

Agência Geral: **Luiz Thoratier — S. João do Estoril**

— Indicam-se os estabelecimentos que vendem estes artigos —



Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Esta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

PREÇO: 10\$00

A' venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume DA BIBLIOTECA DOS PEQUENININOS **O PRETINHO DE ANGOLA**

por **CESAR DE FRIAS**

com ilustrações de Ilberino dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

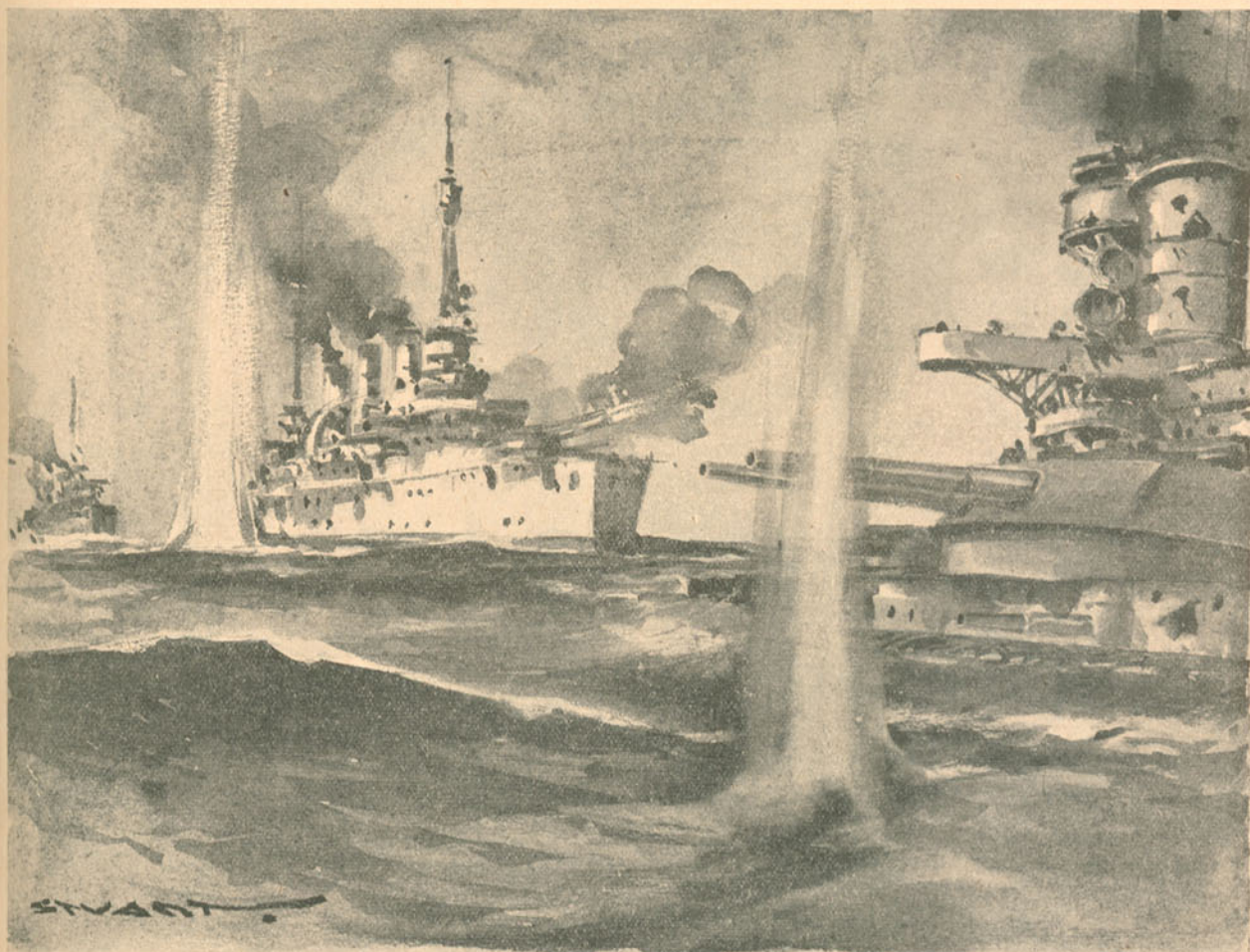
«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctissima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS



OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER
Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

**A epopeia trágica da esquadra
alemã e a sua destruição** ———

**A obra máxima sobre
a guerra europeia** ———

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as linguas, suplantou em exito o celebre "Nada de Novo na Frente Ocidental". Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Ditosos e saudáveis.

A mãe é feliz; seu filho cheio de vida. Ambos teem saude e são ditosos: ditosos, porque teem saude.

A saude, a abundancia e a alegria de viver acham-se estreitamente ligadas. Mas é a saude a base de todo o bem-estar. É da alimentação que o organismo deve tirar dia a dia o seu sustento e as forças que o dispendio quotidiano lhe fazem perder. Saude, capacidade de trabalho pressupoem pois uma boa alimentação. Como explicar, então, que não cessamos de absorver alimentos completamente desprovidos de todo o valor nutritivo, e mesmo algumas vezes nitidamente nusivos? Os organismos robustos podem acomodar-se a esta anomalia durante alguns anos. Mas para a saude mais delicada das nossas mu-

lheres, e de nossos filhos sómente o que ha de melhor é que é bom.

Entre esse «melhor» deve colocar-se indiscutivelmente uma chavena de Ovomaltine ao primeiro almoço. Com effeito, o que é a Ovomaltine senão a concentração, sob a forma mais assimilavel, de todos os elementos nutritivos dos alimentos mais substanciaes?

A maior felicidade para um homem, costuma dizer-se, é uma mulher ditosa e saudavel, cercada de filhos saudaveis e ditosos.

Se sois d'esta opinião, começai pois a dar-lhes Ovomaltine



A OVOMALTINE

é a saude

À venda em todas as pharmacias e drogarias

Dr. A. WANDER, S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correios, 41-2^o

Lisboa



AOS NOSSOS LEITORES E ASSINANTES

ILUS TRA ÇÃ O

Ano VI — N.º 135

31 de Julho de 1931

Director: João de Sousa Fonseca ..
Editor: Francisco Amaro

.. . . . Redacção: RUA ANCHIETA, 77, 1.º —
Telef. 2 0535 .. Composição e impressão:
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ..
Assinaturas e Administração: RUA DO DIÁRIO
DE NOTÍCIAS, 78 — Telef. 2 3132 .. Publi-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ..
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd.ª e Em-
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.

Não é hoje ainda que podemos apresen-
tar aos nossos leitores e assinantes o
primeiro número da fase nova de *Ilus-
tração*, que se anuncia como um grande acon-
tecimento e cuja preparação, para o bom re-
sultado que desejamos obter, tem de ser lenta
e segura.

Ilustração, colaborada pelos nossos melho-
res escritores e artistas, será a imagem bri-
lhante da vida que passa, da vida das cida-
des, da vida das figuras, das vedetas, dos
humildes e da própria vida das ideias... *Ilus-
tração* tentará reflectir o que há de eterno e
de fugidio na nossa época. Ao lado do quadro
célebre, definitivo, com as suas cores verda-
deiras, o gesto efémero da bailarina ou da
estrêla de cinema; ao lado do artigo crítico,
sólido, a anecdôta breve, o *potin* da cidade.
Ao lado da novela psicológica, bem assinada,
a crónica ligeira, breve, a reportagem dinâ-
mica dos acontecimentos e a própria reportagem
das almas... *Ilustração*, que é uma re-
vista do nosso tempo e que procurará ser uma
revista de todos os tempos, vai colocar-se

entre duas gerações. Dum lado, os valores
consagrados do momento contemporâneo por-
tuguês, todo o balanço do nosso esforço inte-
lectual e artístico. Do outro lado, a geração
que vai chegar, com as suas nobres inquieta-
ções, com a sua ânsia de novidade, com os
seus olhos novos e a sua alma nova.

João de Sousa Fonseca, escritor brilhante e
novo, admirável trabalhador, jornalista cheio
de talento e de mocidade, vê-se obrigado, por
motivos da sua vida particular, a abandonar
a direcção de *Ilustração*. Substitui-o, a orien-
tar a fase nova, o escritor e jornalista Antô-
nio Ferro, espírito novo e «europeu», cujo
talento se tem revelado largamente nos seus
livros como nas suas reportagens internacio-
nais, aos quais sabe transmitir a centelha do
seu talento de prosador moderno.

O nome do nosso novo director é, pois,
a garantia de que a *Ilustração* vai entrar
numa fase verdadeiramente moderna, e es-
peramos que com essa transformação os
nossos leitores só tenham motivo de conten-
tamento.



Rocha Júnior, grande jornalista, admirável espírito crítico e forte individualidade literária



Henrique Lopes de Mendonça, o glorioso escritor, autor duma vasta obra de sentido nacionalista



Raúl Lino, o grande architecto, precursor da renovação architectónica portuguesa e uma admirável alma de artista moderno



Almeida Moreira, director do Museu Grão Vasco de Viseu e uma alta competência em critica de arte



Carlos Ramos, um architecto notabilíssimo e um grande espírito renovador



João Ameal, um nome triunfante da nova geração, bellissimo talento e rara cultura



Carlos Queiroz, um dos grandes poetas da nova geração e um escritor brilhantíssimo



José Gomes Ferreira, uma das figuras mais originais da sua geração, escritor de hoje que será um escritor de amanhã



Bernardo Marques, um dos maiores ilustradores da nova geração, o desenhador notável que já tem um renome internacional



Jaime Balsemão, um belo temperamento de escritor



O grande actor Erico Braga, que dará à nossa revista a colaboração do seu *charm* e do seu espírito cintilante



Carlos Botelho, um grande desenhador cheio de originalidade e de talento



Horácio Novais, um dos maiores fotógrafos da nova geração



Augusto Costa, talentoso escritor da nova geração



Paulo, um desenhador de futuro que já hoje é uma bela realidade



João Martins, um dos mais distintos fotógrafos-amadores de Lisboa

ILUSTRAÇÃO, que já no próximo número aparecerá completamente remodelada, não pretende ser apenas o exclusivo dum grupo ou duma geração, mas juntar, pela primeira vez, todos os portugueses que se distinguem, seja qual for a sua idade ou o seu campo. As páginas da nossa revista serão colaboradas por todos os artistas de talento, desde os consagrados, os que pela sua obra e pela sua competência, há muito tempo passaram as fronteiras, até aos mais novos, aos que começam agora sem hesitações e com a certeza de chegarem ao fim.

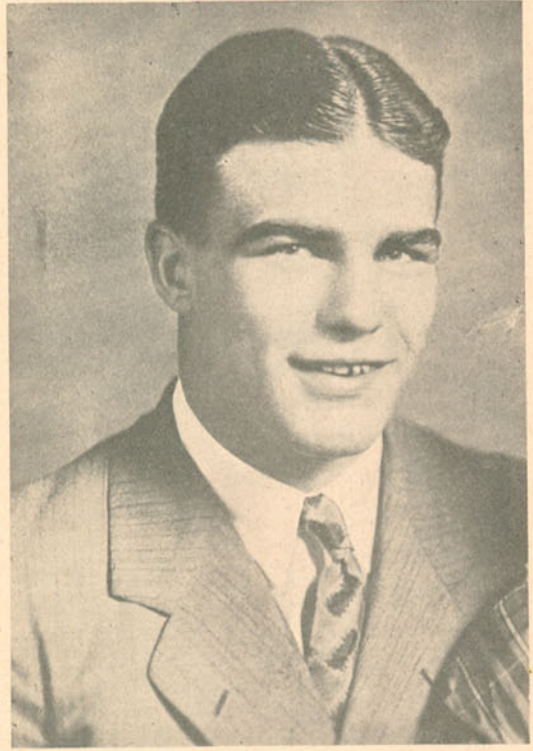


Platão Mendes, o brilhante fotógrafo-correspondente da nossa revista no Porto

O
CAM
PEO
NATO
DO
MUNDO
DE
"BOX,"



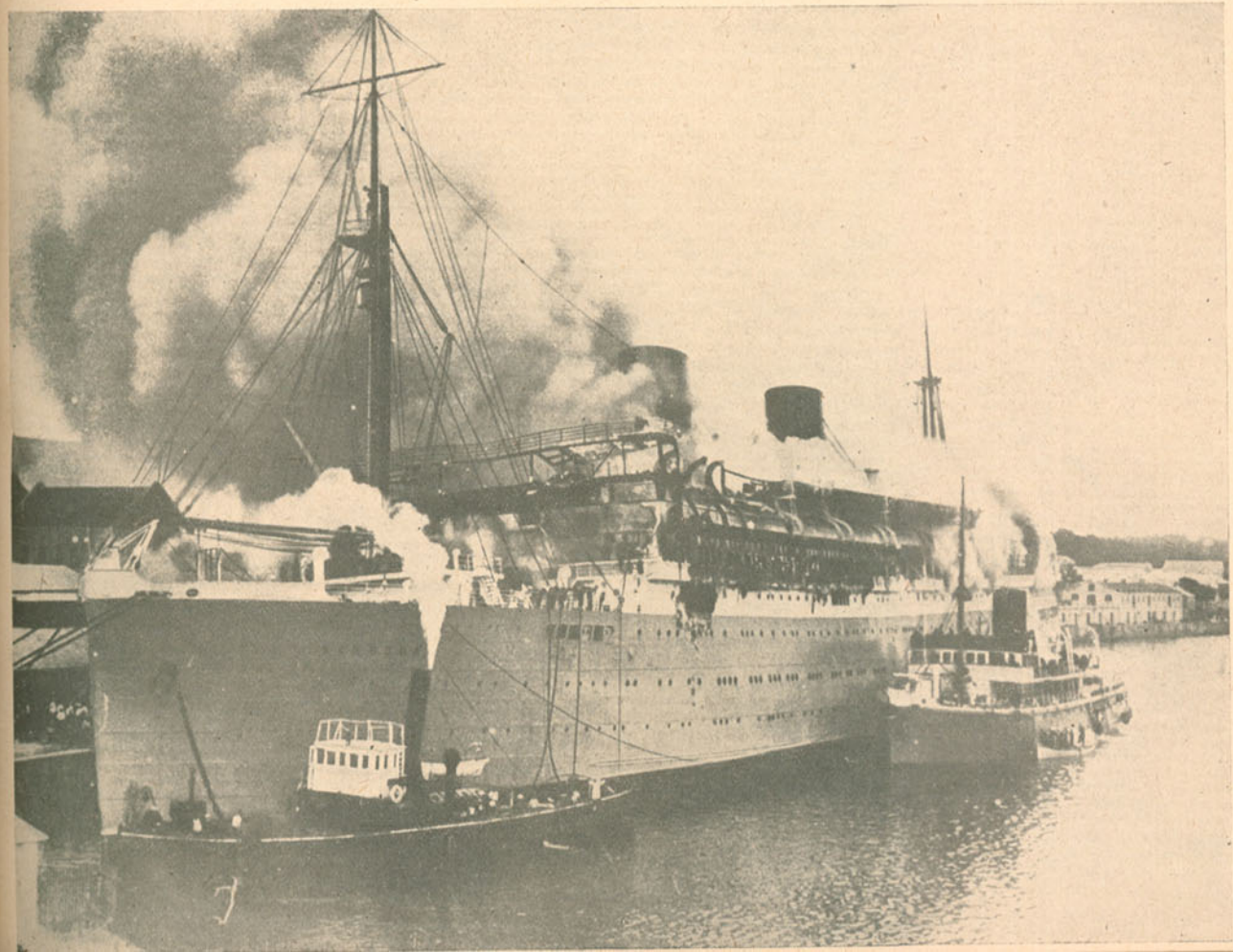
No dia 3 de Julho realizou-se, no Estádio de Cleveland (Ohio), um combate de box para disputa do título máximo, entre Max Schmeling e Joung Stribling. Como sabem, Max Schmeling, famoso *boxeur* alemão, era o proprietário do título que foi obrigado a pôr em jogo, título que conservou, vencendo o seu adversário duma maneira nítida



No pórtico de Hamilton um vapor, pertencente à Furness Line, foi a pique duma maneira estranha. A ré ficou poissada no fundo, ao passo que a ponte, fora de água,

UM SINISTRO NO MAR

começou a arder, propagando-se rapidamente o fogo a todo o navio. A fotografia mostra-nos o vapor no pórtico de Hamilton, nas Bermudas





O Desporto na Provincia

O «onze» do Vilanovense Foot-ball Club, que foi o iniciador e propulsor do hockey em campo no norte do país



VEJAM!...



Uma grande
esperança
da
musica
portuguesa

JOAQUIM DA SILVA PEREIRA, UM JÓVEM VIOLINISTA, QUE HÁ POUCO TEMPO, NUM RECITAL REALIZADO NO SALÃO DE CONCERTOS DO CONSERVATÓRIO DE LISBOA, REVELOU GRANDES QUALIDADES, E AO QUAL ESTÁ DESTINADO UM GRANDE FUTURO DE GLÓRIA, SE CONTINUAR A TRABALHAR COMO ATÉ HOJE



Um
milionario ...
que
o
não
parece

O BANQUEIRO AMERICANO J. P. MORGAN, A BORDO DO SEU HIATE «CORSAIR», EM NEW-LONDON, ONDE FOI ASSISTIR À REGATA ANUAL ENTRE AS UNIVERSIDADES DE HARVARD E YALE. APESAR DA SUA APARÊNCIA «POBRE» POSSUI MILHÕES...

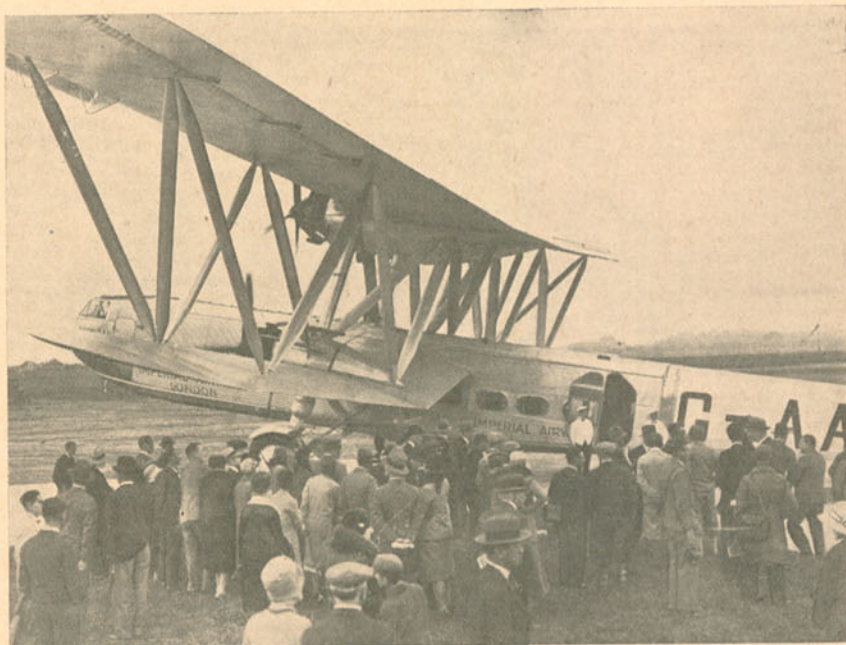


■

Um avião gigante para passageiros

Em Croydon, o aro-pôrto de Londres, iniciou, há pouco tempo, as suas viagens para algumas colónias do Império inglês, o maior avião do mundo para passageiros. *Hanibal* (assim se chama o avião gigante) pode transportar 38 passageiros

■



■

O novo grão vizir de Marrocos

O novo Grão Vizir de Marrocos, reunido pela primeira vez, em Tetuão, com os notáveis que formam o Conselho de ministros de Majzen

■



VEJAM!...

**Em
memória
de
Stresemann**

Na Alemanha foi inaugurado, há pouco tempo, um monumento à memória de Stresemann, o grande ministro germânico que tanto trabalhou para o ressurgimento do seu país. A fotografia que publicamos foi tirada na ocasião em que se procedia à inauguração do monumento.



Dr. Rosa Falcão

Grande patriota, grande republicano, eminente juriconsulto, que acaba de falecer em Lisboa, sendo a sua morte uma sensível perda nacional.



A assistência ao banquete oferecido pelo sr. ministro da França à colônia francesa no Avenida Palace

**Os arquitectos Frederico Caetano de Carvalho
e Jorge de Almeida Segurado**



Para Espanha, França, Bélgica, Holanda e Alemanha, partiram, em viagem de estudo, os distintos arquitectos diplomados srs. Frederico Caetano de Carvalho e Jorge de Almeida Segurado



Frederico Caetano de Carvalho



Jorge de Almeida Segurado

**BELEZAS
DA EXPO
COLO**



**INEDITAS
SICÃO
NIAL**



DE CIMA PARA BAIXO: Um bailado, ao ar livre, ensaiado por Marie Kummer

■
DANÇARINAS BELGAS BAILANDO NO TEATRO CONSTRUÍDO NOS PAVILHÕES DA BÉLGICA NA EXPOSIÇÃO COLONIAL DE PARIS

■
OS QUARENTA E CINCO RÉGULOS NEGROS DO SUDÃO E OS CHEFES DAS TRIBUS DO SAHARÁ QUE VIERAM VISITAR A EXPOSIÇÃO COLONIAL DE PARIS

■
A CHEGADA DOS RÉGULOS A PARIS



JOSÉ FRANCOS RODRIGUEZ



MORREU JOSÉ FRANCOS RODRIGUEZ, QUE ERA PRESIDENTE DA CASA DA IMPRENSA DE ESPANHA E UMA DAS PESSOAS MAIS ESTIMADAS E MAIS CONHECIDAS NO PAÍS VIZINHO. O SEU ENTÉRRO FOI UMA VERDADEIRA APOTEOSE. PARA O LUGAR QUE ÉLE EXERCIA FOI ELEITO O SR. LERROUX, ACTUAL MINISTRO DOS ESTRANGEIROS ESPANHOL



UMA OBRA DE ARTE

A SEMANA DA TUBERCULOSE, QUE TINHA UM NÍTIDO FIN BENEFICENTE, TAMBÉM INSPIROU OS ARTISTAS, ENTRE ÉLES O SR. MENEZES E CASTRO, QUE MODELOU AS SOBERBAS ESTÁTUAS QUE OS NOSSOS LEITORES PODEM ADMIRAR NA FOTOGRAFIA QUE PUBLICAMOS E QUE PROVAM O TALENTO DO SEU AUTOR



UM DESASTRE EM MADRID

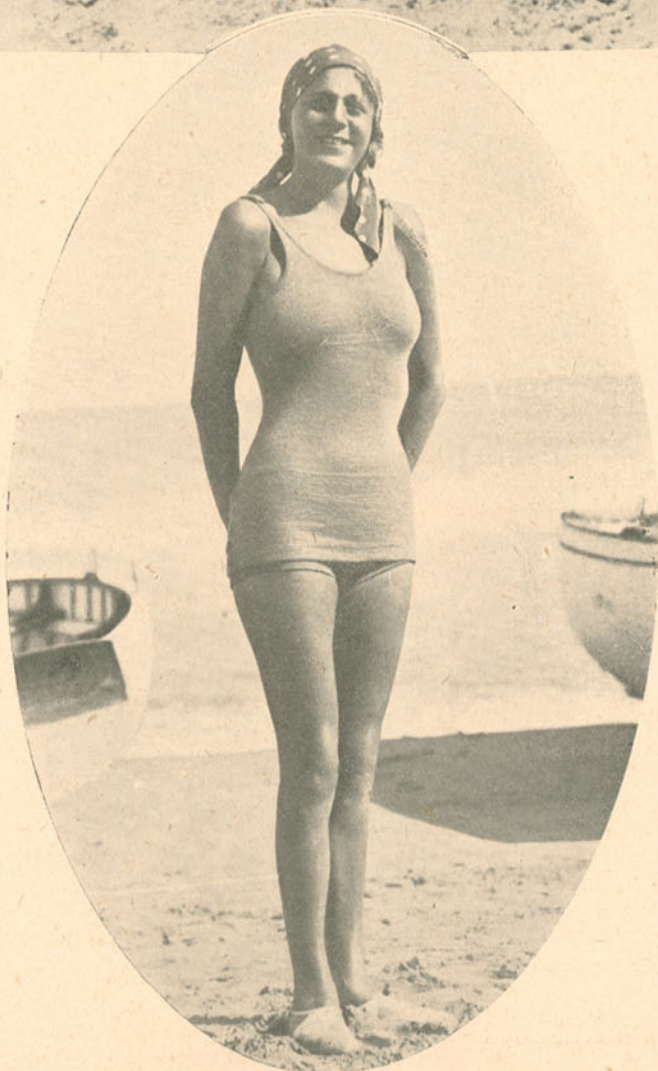
NEM SÓ EM LISBOA AS CASAS CAEM! EM MADRID, AO QUE PARECE, TAMBÉM HÁ GATOLEIROS. PELO MENOS, ASSIM SE DEPREENDE DESTA FOTOGRAFIA, TIRADA POUCO TEMPO DEPOIS QUE UMA CASA, NA CALLE DEL DR. FOURQUET, CAIU EM RUÍNAS, SEPULTANDO ALGUMAS DEZENAS DE PESSOAS



ANTONIO WATTEAU
"GILLES"
LOUVRE - PARIS



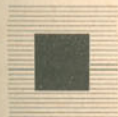
**Pelas
praias
= do =
Mundo**



**Belas
banhis
= tas =
ao Sol**

EM CIMA — UM GRUPO DE BANHISTAS, NUMA PRAIA DA CALIFÓRNIA, TOMA BANHOS DE SOL... HEROICAMENTE, DESAFIANDO O TERRÍVEL SOL AMERICANO, QUE ÊSTE ANO, EM 24 HORAS, MATOU DUZENTAS PESSOAS...

NO OVAL — UMA GRACIOSA BANHISTA ITALIANA, QUE OS ANTIGOS ROMANOS CONSIDERARIAM UMA DEUSA, CRIADA PELA ESPUMA DO MAR E MERECEDORA DUM TEMPLO VOTIVO



PRAIAS DA RIDENTE ITALIA



Na Itália, herdeira dos deuses gregos, os homens, durante séculos, levantaram templos e prestaram culto à beleza pagã, em cenários de mármore e de sonho. Mas as estátuas dos deuses quebraram-se; os templos caíram em ruínas; os rituais tombaram no esquecimento e o grande Pau morreu. Só o culto pela beleza feminina, divinizada pelos antigos romanos, continuou vivo na alma de todos os homens nascidos na ridente Itália, apenas com uma pequena diferença: Os templos, onde se celebram, agora, as cerimônias pagãs de louvor às deusas contemporâneas, não são construídos em mármore; são as praias, ao ar livre, ao sol e ao vento! E as Vênus italianas modernas usam *maillot*, pijamas, sombrinhas, e andam em *gasolinas* em vez de envergar as túnicas clássicas e de se fazerem transportar em conchas cheias de flores puxadas por pombas brancas...



EM CIMA: Um lindo modelo de pijama de praia e uma linda italiana, símbolo da alegria de viver!

AO MEIO: Uma italiana capaz de converter ao fascismo o mais feroz adversário de Mussolini

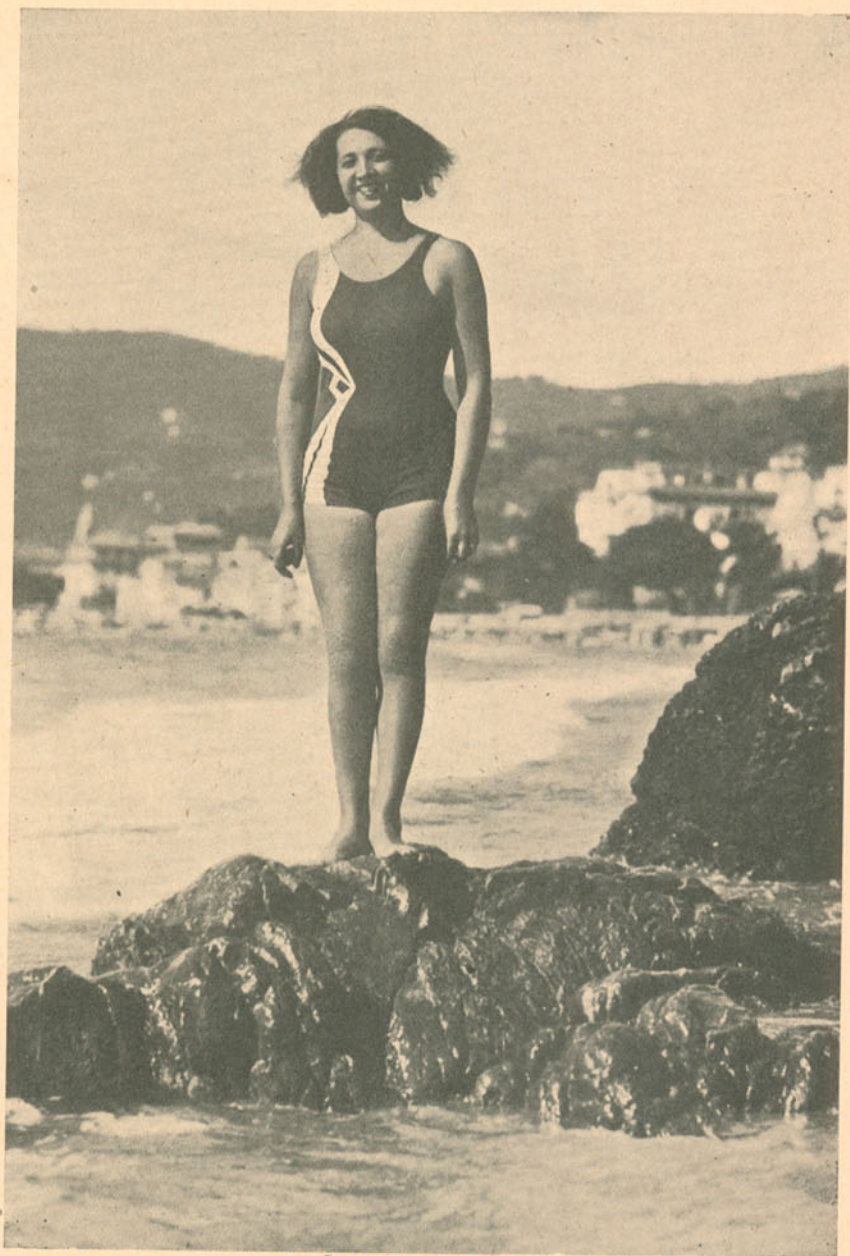
EM BAIXO: As praias da Itália azul são as mais alegres de toda a Europa! O sol enche-as de alegria e as raparigas inundam-nas de sol!



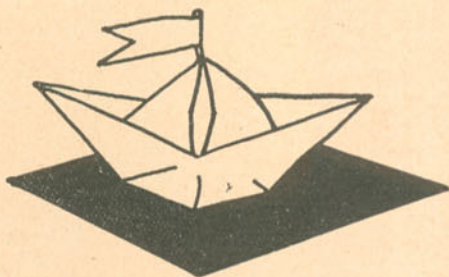
MAILLOTS



ESCUL
TURAS
VIVAS



IR a uma praia é entrar num museu moderno, numa exposição de esculturas vivas, em posições admiráveis, num museu de estátuas, com corpos de deusas antigas, cobertos por *maillots* contemporâneos, — museu ao ar livre onde os homens vão educar os olhos e encher as almas de sentimentos saudáveis. O século XX, impondo o *maillot*, conseguiu assim aproximar-se da velha Grécia, — sempre jovem e eterna.



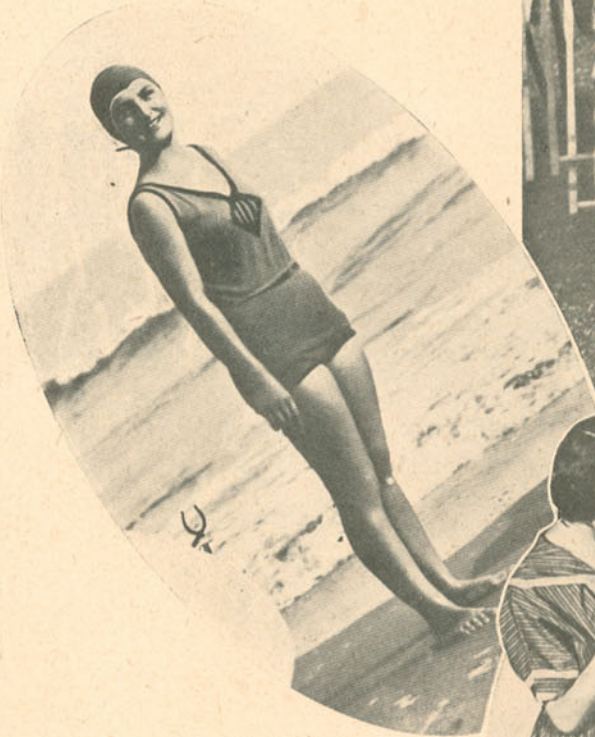
As raparigas, nas praias, envergando *maillots* de cores berberantes, conseguem esculpir, em carne viva, estátuas nunca dantes imaginadas pelos escultores; estátuas que representam a

alegria de viver ao sol, perto do mar azul, em cima das rochas, em atitudes, ao mesmo tempo, perturbantes e puras.

A ALEGRIA DE VIVER AO AR LIVRE, AO SOL - E AO VENTO - PERTO DO MAR



A DIREITA—EM TÓDAS AS PRAIAS EUROPEIAS, O TRAJE OBRIGATÓRIO, MESMO QUANDO AS BANHISTAS ANDAM PELAS RUAS, É O «MAILLOT» E O «PIJAMA». NINGUÉM PENSA EM VESTIR O INCÔMODO «PALETOT» OU OUTRA ANDAÍNA PESADA. AS MULHERES E OS HOMENS



VÃO AOS CHÁS, ÀS CORRIDAS, ÀS REÚNIÕES SOCIAIS, SEMPRE DE «MAILLOT» OU DE PIJAMA DE SEDA... SE OS NOSSOS AVÓS RESSUSCITASSEM, MORRIAM OUTRA VEZ, CHEIOS DE ESPANTO

NA OVAL—UMA SEREIA QUE, PARA ENCONTAR OS HOMENS, NÃO PRECISA DE CANTAR MELÓDIAS PLANGENTES AO SOM DAS HARPAS COBERTAS DE ALGAS... BASTA SORRIR...

EM BAIXO—UM CONTRASTE: DUAS SENHORAS VESTIDAS COM FATOS DE BANHO DO SÉCULO PASSADO A OLHAR, COM EXCLAMAÇÕES DE PASMO NOS OLHOS, PARA UMA RAPARIGA MODERNA, COM UM «MAILLOT» DE SEDA, TRANSPARENTE, LEVE, TÊNUE...



MORREU JOSÉ TAGARRO

A morte do pintor José Tagarro, um dos grandes e claros triunfadores deste século e um dos primeiros vencidos da sua geração, leva-me para o pretérito, essa urna onde atitudes e sombras se comprimem, para o encontrar ainda acordado...

José Tagarro foi dos pintores que venceu a frase de Renan, com a qual se afirma que é preciso morrer para se ser apreciado com largueza e com justiça. Os seus primeiros trabalhos impuzeram-no. Venceu no dia em que se apresentou. Agora, é preciso que lhe dediquem um demorado estudo, com largueza e com tranqüilidade, de tudo que de novo havia na «maneira» do artista.

Entretanto, o pintor José Tagarro, o pintor de perfil romano, está aqui, a meu lado, olhos sempre sumidos, num ar de quem anseia por lonjuras ou se vê afogado num querer de impossível realidade.

Recuamos alguns meses. No Pôrto, no velho e poeirento Salão da Misericórdia. Ao longo das paredes de lona, sob uma luz em deliquio, vêem-se os trabalhos de Tagarro. O artista louva a vida em figuras sádias de varinas, em troncos hercúleos de pescadores e em muitos retratos, vincados num traço fino e vigoroso, que se estudam com surpresa e admiração.

São poucos os visitantes que chegam até à sala fria e tristonha da rua das Flores; contudo, em tórno de uma mesa, atalhada sempre de livros e de catálogos, vê-se quem vá assinalando a marcha dos minutos: o poeta Casais Monteiro, o Tagarro, Adalberto Sampaio, eu e o Porfírio. Os retalhos das tardes transformam-se em retalhos de conversas. Há palavras desfechadas em curvas de sonho. E, no dia em que José Tagarro regressa a Lisboa, fica em todos nós a impressão de termos conhecido um dos nossos pintores mais sinceros, mais modestos e mais modernos.

Esta impressão torna-se certeza, quanto a mim, logo que venho fixar a minha vida jornalística em Lisboa. Falo-lhe algumas vezes. Alguns encontros rápidos, num café, numa tabacaria, aqui, ali, além, em que se trocam duas palavras, mas em que se dá sinal dum propósito, dum sonho, dum fim. Contudo, o pintor fala pouco, muito pouco sempre. Usa do silêncio, não como arma de defesa, mas como atitude natural da sua maneira de ser.

Uma tarde, e durante a segunda semana dos Independentes, José Tagarro encontra-me a vêr os seus quadros. Não lhe dirijo felicitações espectaculosas, porque a razão dos meus aplausos tem por origem sempre a integridade artística daqueles que os provocam. Mas, digo-lhe, francamente, que diante dos seus trabalhos se pode afirmar, sem meias palavras, que há um grande e moderno pintor em Portugal.

E, uma madrugada, quando ainda não se



José Tagarro — visto por Mário de Novais

me tinha varrido da memória um encontro com o pintor, realizado três dias antes, deram-me esta notícia negra: «O José Tagarro morreu em S. António dos Capuchos». Não acreditei. Vieram mais amigos com a mesma informação: «O Tagarro tombou para sempre!» Continuei a não acreditar. Podia lá ser!... Então um artista morre como qualquer?... Então um amigo, de quem se colhem impressões e se colecionam gestos, pode morrer, assim, enquanto a nossa memória o recorda sempre?...

No dia seguinte, ou no dia em que José Tagarro ia a enterrar, fui para a *Brasileira*. Eu não sabia porque não acreditava na morte desse artista. Recordava pedaços da sua vida, da sua mocidade. E nunca, como neste momento, a banalidadezinha do «recordar é viver» me pareceu com tanta importância!...

Com o declinar da tarde, chegam à *Brasileira* os vespertinos e certos frequentadores conhecidos. Ouço a meu lado: «Venho do entêro do Tagarro». Vão entrando o António Ferro, o Diôgo de Macedo, o Luís Teixeira, o Carlos Queiroz, o Lemos, o Teixeira Cabral, muitos mais, e cada um por sua vez diz: «O Tagarro lá ficou no Alto de S. João!...»

Quanto mais se fala na morte de José Tagarro, mais eu o julgo vivo. Vem entrando muito mais gente. Atiro os olhos para a minha direita. Era ali, de costas voltadas para

a porta, que o Tagarro se costumava sentar. Lá está a sua cadeira... (Entenda-se: Aquela cadeira era de José Tagarro por costume e não por intenção...) Fico-me à espera. Lá está a cadeira do Tagarro. Se ele voltasse...

Os meus olhos não fogem daquela direcção. A *Brasileira* está à cunha, tôdas as mesas ocupadas, tôdas as cadeiras com seu dono... A cadeira continua devoluta. Todos passam adiante... Porque? Mas há um momento em que eu chego a temer de que ela seja utilizada. Um cavalheiro, ventruado, esférico, entra, e, quando vê que tôdas as mesas estão ocupadas, olha para aquela cadeira com certo apetite... Irá sentar-se? Estou a vêr que tenho de me levantar e de lhe ir dizer que aquela cadeira tem dono. Não é preciso. O cavalheiro sai, igualmente rotundo, igualmente esférico.

A tarde está já mais vizinha do crepúsculo. A cadeira em que se sentava José Tagarro continua desocupada. Porque? Porque é que ninguém se sentava nela? Continuo a fitá-la. Parece que sobre ela esvoaça uma sombra — a sombra de Tagarro.

Quando saio para a rua ainda a cadeira está devoluta. Convenço-me, então, de que José Tagarro não morreu como tantos. Ficou a sua sombra na cadeira da *Brasileira* e ficaram os seus quadros, que são a sua presença através dos Tempos.

GUEDES DE AMORIM.



O FALADO
TEM CONTRIBUIDO
PARA A EDUCAÇÃO
DOS EXTRAS

COM o advento do cinema falado, os estúdios estão tendo «extras» mais inteligentes do que no tempo do filme silencioso — assim nos afirma o chefe do departamento de elenco — e, por esta razão, o número dos «disponíveis» que figuram nas listas dos estúdios diminuiu quasi trinta por cento.

«A competência entre as filas dos «extras», de onde surgiram astros e estrêlas de fama, como Joan Crawford, Buster Keaton, Ramon Novarro, Norma Shearer e muitos outros, tem-se intensificado enormemente desde o advento do cinema falado.

«Há cinco anos havia aproximadamente 6.000 nomes na lista activa de «extras» para o cinema. Hoje figuram somente 4.000. Estes estão mais preparados e realmente mais interessados em fazer carreira no cinema, desempenhando de maneira mais adequada, na verdade, o trabalho que, naquela época, requeria um maior número.

«O facto da competência entre os «extras» ter aumentado em grande escala é provado pelo aumento do salário que os mesmos estão recebendo actualmente. Na época do filme silencioso, cada «extra» recebia, aproximadamente, \$7,67 diários. Hoje, eles recebem cerca de \$9,72.

«Jâmais foi tão difficil, por outro lado, entrar no cinema como hoje em dia. As barreiras são tão altas, que os poucos que são acrescentados às listas de «extras» entre milhares de pretendentes, julgam-se muito felizes em obter esta oportunidade.

«Hoje não se aceitam «extras» que não tenham tido prévia e considerável experiência em variedades, em companhias de amadores teatraes, na tela ou no palco. Tão pouco se aceita qualquer pessoa, seja homem ou mulher, que não possua educação que corresponda ao curso de instrução média, e isto por razões muito óbvias relacionadas com a gramática e com a enunciação, quando se trata de pronunciar algumas frases.

«Estes requisitos têm diminuído em noventa por cento os «extras fluctuantes», que na época do cinema silencioso se contavam aos milhares. Esses «extras fluctuantes», ordinariamente de boa aparência, não tinham grande vocação para o cinema. Interpretar como «extras» significava apenas para elles um meio de ganhar mais alguns dólares. Havia muito poucos, na verdade, com o talento e a ambição de Lucille Le Sueur, hoje conhecida como Joan Crawford. Joan foi uma excepção daquele tempo, provando dèste modo que se uma artista «extra» estudava, lia, trabalhava e analisava os seus próprios defeitos, etc., podia realizar rápidos progressos.

«Outrora, muito poucos tinham as ambições de Joan Crawford. Hoje, há centenas que têm idénticas aspirações. Outrora, quando escasseava o trabalho nos estúdios, as formosas «extras» iam trabalhar como vendedoras e empregadas de hotel, etc., e muitas delas não regressavam à tela se obtivessem trabalho permanente e regularmente remunerado. Hoje os «extras», tanto mulheres como homens, parecem determinados a fazer carreira no cinema. Quando não há trabalho nos estúdios, os «extras» procuram contratos nos theatros de Los Angeles, São Francisco, Denver, Seattle, Nova York e outras cidades, regressando a Hollywood na primeira oportunidade.

«Outrora, viam-se muito poucos livros nos cenários; nos intervalos, os «extras» entregavam-se a ociosas conversações, jogavam as cartas ou, então, as raparigas bordavam.

«Hoje em dia, quando se chamam os «extras» para trabalhar em alguma cena, vêem-se livros espalhados por todos os lados. Há poucos dias, no cenário onde estava filmando Novarro o seu recente filme *Son of India*, viam-se livros por tôdas as partes; livros cujos títulos incluíam obras de Shakespeare, dramas modernos mais famosos, várias gramáticas espanholas, francesas e alemãs, e obras científicas. Espalhadas indistintamente havia também revistas, algumas histórias de crimes misteriosos; mas setenta por cento dos livros indicavam o desejo do leitor de se adiantar no campo cinematográfico.

«Certamente que não aconselharia nenhum rapaz ou rapariga, a menos que tenha talentos extraordinários, a procurar trabalho em Hollywood nas condições actuais — disse o chefe dos departamentos dos «extras».

«Mencionámos antes que a lista de «extras» em serviço activo havia baixado um terço do número regular. Isto não quer dizer que



Lillian Bond, uma «extra» que, rapidamente, conseguiu vencer no cinema, graças ao seu talento e aos olhos



Marion Davies, uma das mais encantadoras vedetas da Metro-Goldwyn-Mayer

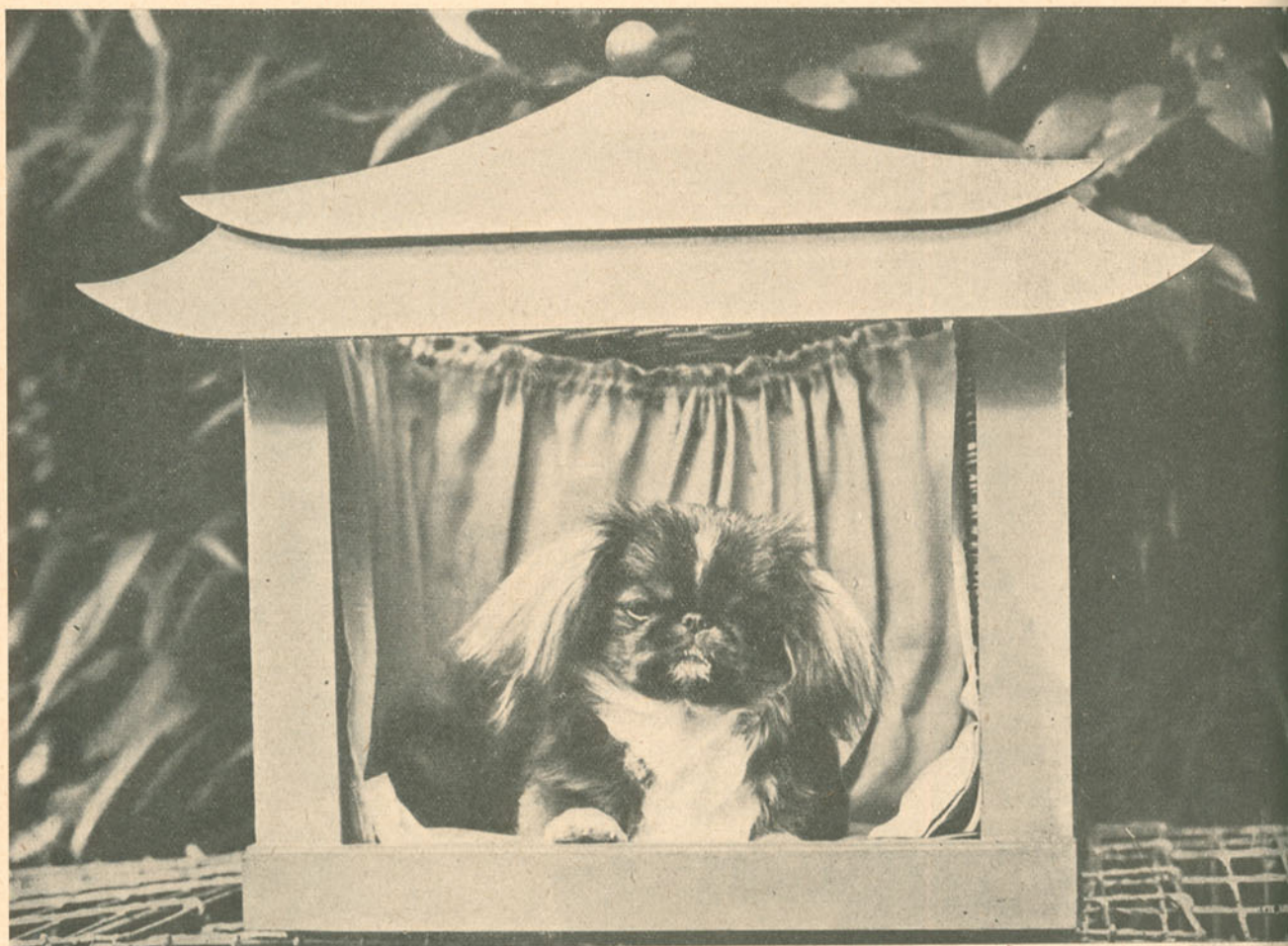
tenha diminuído a quantidade de pretendentes, pelo contrário, tem até aumentado de uma forma admirável. O departamento central de elencos tem agora uns 17.000 nomes nas suas listas, quasi o dobro do número antigo. Este enorme registo inclui, sem dúvida, várias classes que não se necessitavam na tela muda: bailarinas, cantoras, músicos e muita gente que conhece vários idiomas estrangeiros.

É óbvio, naturalmente, que muitas destas

pessoas são o que se poderia chamar «especialistas», para os quais há ocupação talvez uma só vez por ano. Referimo-nos à multidão de «extras» dramáticos que são precisos para o movimento e o fundo dos filmes falados em inglês. A razão porque se estreitaram as linhas é que não se pôde telefonar à agência de empregos e pedir sessenta homens e mulheres para uma cena de multidão. Isto

daria um resultado pouco económico e pouco artístico.

«No tempo do cinema silencioso, quando se empregavam jovens ineptos, simplesmente porque eram de boa aparência, os directores deparavam com muitos obstáculos, e, às vezes, perdiam horas inteiras porque algum «extra» estragava a cena, com algum movimento sem graça ou inadequado, assim como o efeito do ambiente, que tão importante é numa cena dramática.



ENTRE a vida do cão e a vida do homem não há muita distância, não há muita diferença. Ainda se diz, ainda se sustenta, ante certos destinos estremecidos de amarguras, queimados de miséria, que estão fazendo uma verdadeira vida de cão... Mas, afinal, considerando cães e homens através do seu viver, e tão semelhante êle é nas situações de conforto como nas de infortúnio, vê-se bem que a sua vida não é tão diferente como se possa imaginar.

Há cães-bailarinos e há homens que são bailarinos; há cães famintos e há homens famintos; e, se não há cães-milionários, existem, pelo menos, cães de milionários.

O cão, fiel companheiro de cavaleiros andantes e de vates românticos, ao acabar a Grande Guerra, ganhou, também, a importância de um *fétiche*, de uma *mascotte* ou de um talisman.

Vida de cão

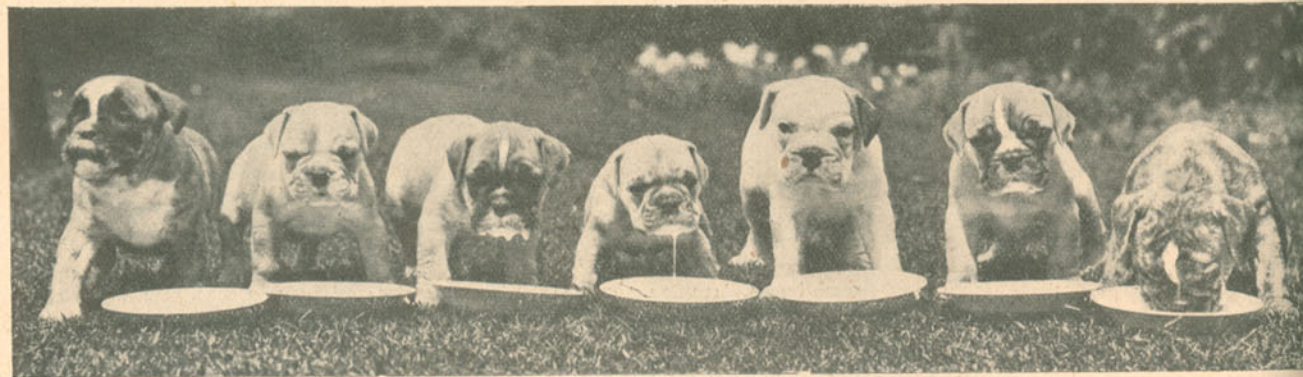
Sabia-se que, durante o período bélico que vidas sem fim e sem conta devorou, que o cão tinha sido um precioso auxiliar do homem. Lutara ao lado de cada soldado, de cada exército. Conduzira documentos secretos a postos perigosos. E, com latidos aflitivos ou em correrias desesperadas, preparara muitos avanços e participara de muitos fracassos.

EM CIMA — Um cão que parece um mandarim chinês; magnífico exemplar existente no Real Jardim Botânico, de Londres

EM BAIXO — Um friso admirável de sete «bulldogs», pertencentes a «Miss» Marjorie Elliott

Então, por gratidão e também por excentricidade, as mulheres de todo o mundo deixaram-se tomar de uma fanática admiração pelos cães, fazendo dêles as suas *mascottes* e os seus confidentes.

Sim. Isto, que não é novidade para ninguém, nota-se nas grandes cidades, nos salões esplendorosos e nos camarins das grandes actrizes. Há mulheres que adoram mais um cão de luxo do que uma *toilette* de baile. Por causa de um galgo branco, que o marido não lhe quis comprar, divorciou-se, em Roma, há pouco tempo ainda, uma titular da dama da corte italiana. Casos idênticos, em que a harmonia de um lar se quebrou por sempre, oferecem-se todos os dias, a quem o saiba observar ou a quem se dê ao trabalho de ler, com atenção, o noticiário dos grandes rotativos, onde o mundo aparece reflectido com irônica e precisa nitidez.



OS CÁLICES GÓTICOS DO PORTO

Após o bruto extermínio das ordens religiosas, em 1834, comprou o ilustre comerciante e coleccionador João Allen às monjas do encanecido mosteiro de Arouca, em horas de afogo, angustiantes, dois belos e preciosos cálices góticos, que, nos princípios do século XVI, mandara lavrar para o serviço litúrgico da igreja a senhora abadesa D. Melicia de Melo.

Dos mais opulentos do país fôra êsse dilatado recolhimento de gentis e nobres donzelas, para o que não só haviam contribuído os bens legados por D. Mafalda, a rainha virgem de Castela, filha do rei povoador D. Sancho, cujo senhorio logrou e no qual vida santa fêz, como a posse do corpo venerabundo da mesma senhora. Prova de tal opulência, a melhor, presta-nos o dispêndio feito com o jubiloso celebramento da beatificação da dita rainha, a nova rainha santa, que foi de 28 contos, dinheiro de 1793, por mercê da pompa e do galhardo fausto com que foi executado.

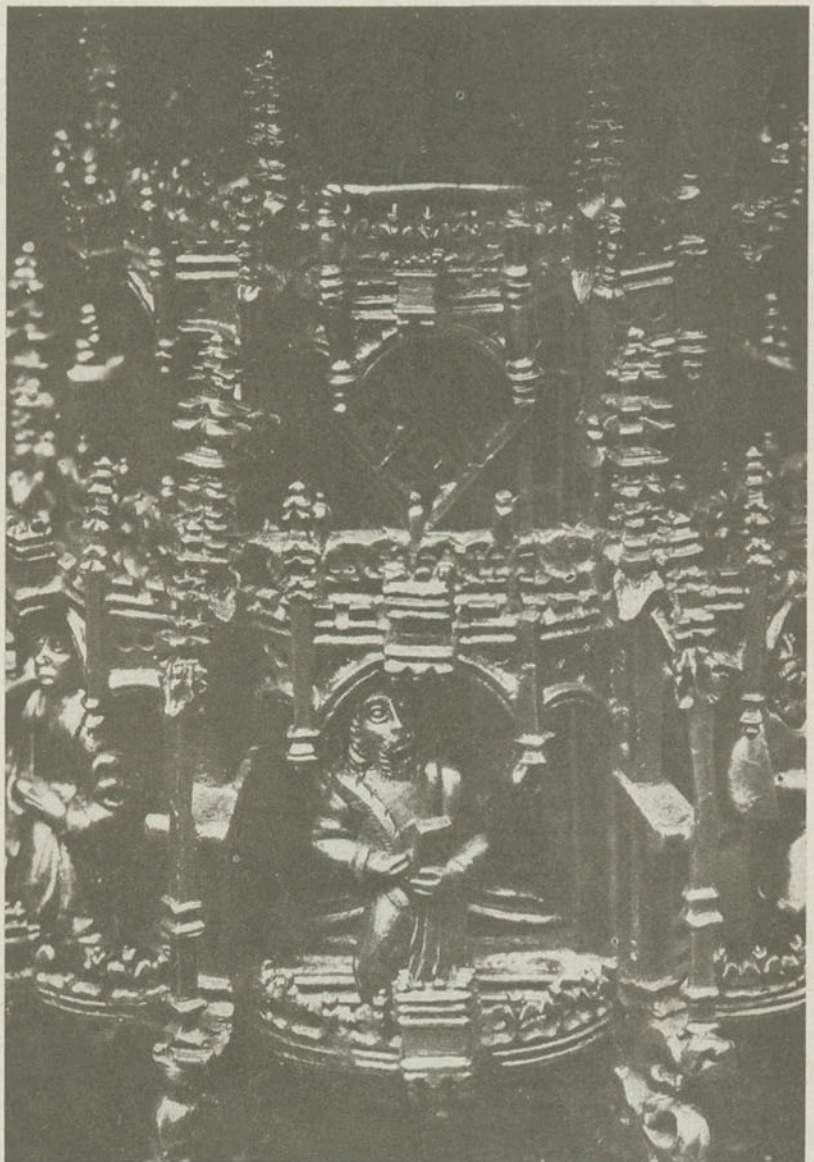
Era João Allen, a par de negociante empreendedor e activo, um devoto amator das belas artes e das sciências naturais. Formaram as suas colecções, cujos exemplares adquiriu já no país já no estrangeiro, um museu tão valeadoiro que de Racinsky, o notável critico de arte polaco, obteve o honroso qualificativo do melhor da época, de entre os museus particulares portugueses, e da cidade o empenho de o incluir no seu património artistico, por virtude do qual o comprou a Câmara em 1848, à morte de João Allen, pela exígua quantia de 19 contos. Eis a origem do presente Museu Municipal. Antes, porém, dessa venda global, foram vendidas algumas peças em leilão, entre elas os ditos cálices góticos, cuja compra efectuou o padre Manuel Vilaça Bacelar pelo mingnado preço de 336\$000 réis, os quais tinham sido avaliados pelos peritos no irrisório importe de 122\$259 réis.

A sua morte, legou-os o reverendo à Misericórdia, o maior, e ao Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança (Órfãos).

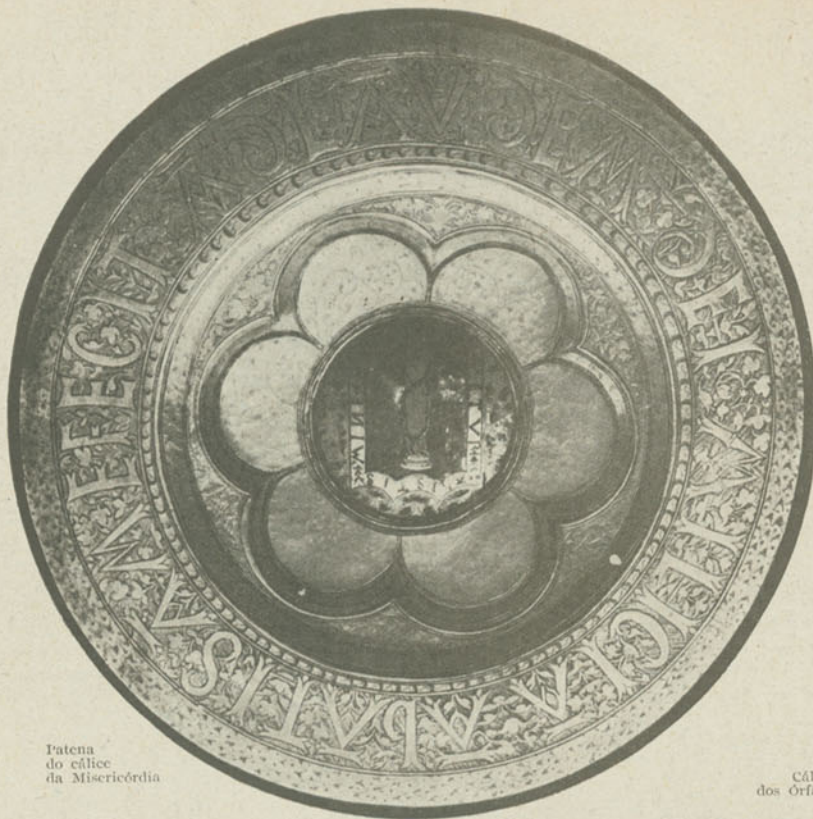
Figuraram em 1867 na Exposição Arqueológica do Palácio de Cristal e o maior pompeou suas galas na Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola (Lisboa, 1882). Depois dessas exhibições,

avondo merecidas, empolgou-as um completo e porfioso esquecimento, pelo que raros conhecem a existência de tão belas jóias da nossa ourivesaria quinhentista. Assim, pois, como que é fazer uma revelação o dêles tra-

tar, o instruir a cidade de ser proprietária dessas magníficas obras, quer artisticas quer arqueologicamente, as quais no seu património de arte, pouco avultado, ocupam lugar de honra.



Formenor do nó do cálice da Misericórdia do Porto



Patena
do cálice
da Misericórdia

Cálice
dos Orfãos

Se, porém, a matéria prima (prata doirada) e o labor artístico distinguem e opulentam estas relíquias históricas duma época sumptuosa e proeminente, não menos as recomendam a formosura do seu fabrico decorativo-arquitetónico e a elegância de suas linhas e formas, com primazia das do maior e salvente o modelado escultural.

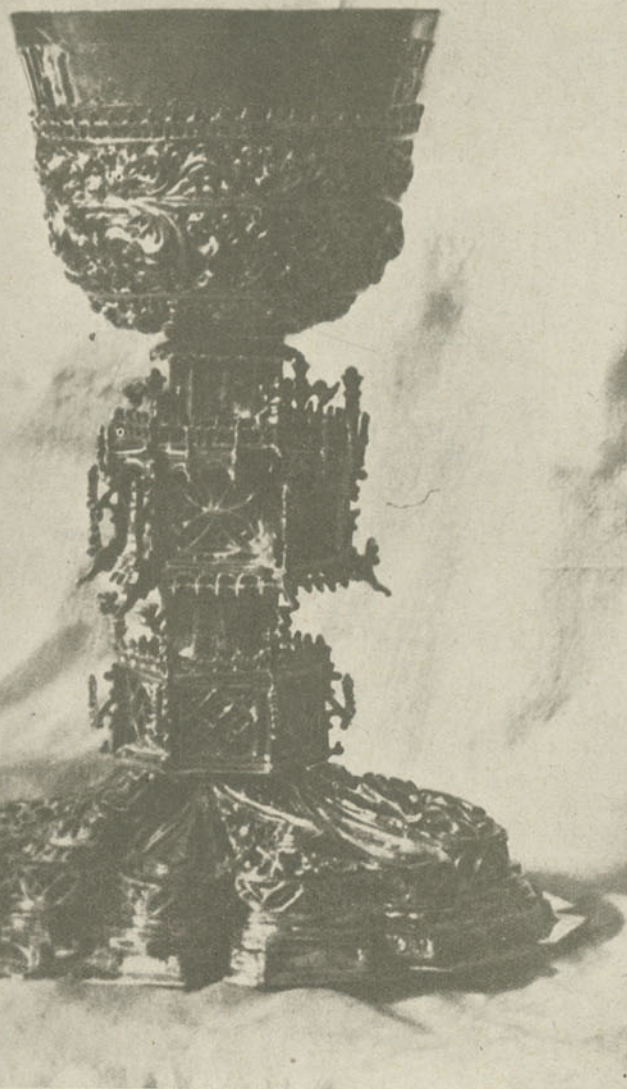
O maior, bastante pesado, guarnecido com maior aparato, guarda-o a Misericórdia num cofre forte. Em três partes se divide a sua copa campaniforme; a legenda *Hic est enim calix novi testamenti* (Porque este é o cálice do Novo Testamento), gravada a buril, ocupa a superior; na central, que um cordão de fólhas enroladas, em relêvo, separa da primeira, vêem-se anjos com instrumentos musicos, folhagens e rosas aplicadas intermèdiariamente; meninos nus, urnas e folhagens, relevados como os anteriores, enchem a inferior. Desta e do seu cordão divisório pendiam os tintinábulos, transviados, actualmente reduzidos dos aros de suporte. Quer o feitio da copa quer a feição ornamental da mesma, assim como o recorte estrelado da base, constituem características peculiares ao período de transição gótico-renascença.

Uma composição architectónica, ogival, de dois andares, cavada em nichos baldaquinos, entre os quais se aprumam botarões com seus arcos botantes, forma o nó. Preenchem os nichos do andar inferior, mais largos e altos, estatuetas agiológicas, cujo modelado escultórico não corresponde ao demais, o que, a final, não surpreende, pois quási sempre foram deficientes na escultura os nossos artistas ourives, por mingua de conhecimentos anatómicos. Nos nichos do andar superior, reentrante, faltam as figuras. Tanto nestes como nos outros os fundos são abertos, *à jour*, em rosas de cunho flamígero. Exuberantes folhagens decoram-lhe a face inferior.

A mesma forma architectural distingue o pé, que se alinha verticalmente com o andar superior do nó. Faltam-lhe também as figuras dos nichos, cujos fundos apresentam rosas flamígeras iguais às sobreditas. Dêle se alarga a base, dividida em doze lóbulos e gômos, dos quais separam balaústres florilissados e limita uma graciosa platibanda florilissada. Figuras agiológicas, em alto relêvo, ocupam seis lóbulos, cujo labor, embora superior aos dos nichos, ainda manifesta rigidez, dureza; rosas aplicadas e lavrados com folhagens guarnecem os outros seis. É alterada esta disposição ornamental.

A patena, no anverso, tem os adornos feitos a buril e *pointillé*. Preenche-lhe a borda a inscrição *Ad laudem Dei Melicia altissima me fecit* (Em louvor de Deus me fez a abadesa Melicia), composta por grandes caracteres góticos, de execução imperfeita. No centro, envólto por uma larga rosa sex-lobulada, algo côncava, exhibe-se um escudo esmaltado cujo campo guarnecem dois emblemas da Paixão—a coluna com cordas enroladas e, azoados, os azorragues. Por sua vez, o escudo circulado por uma faixa com a inscrição *Ad*





Cállice da Misericórdia

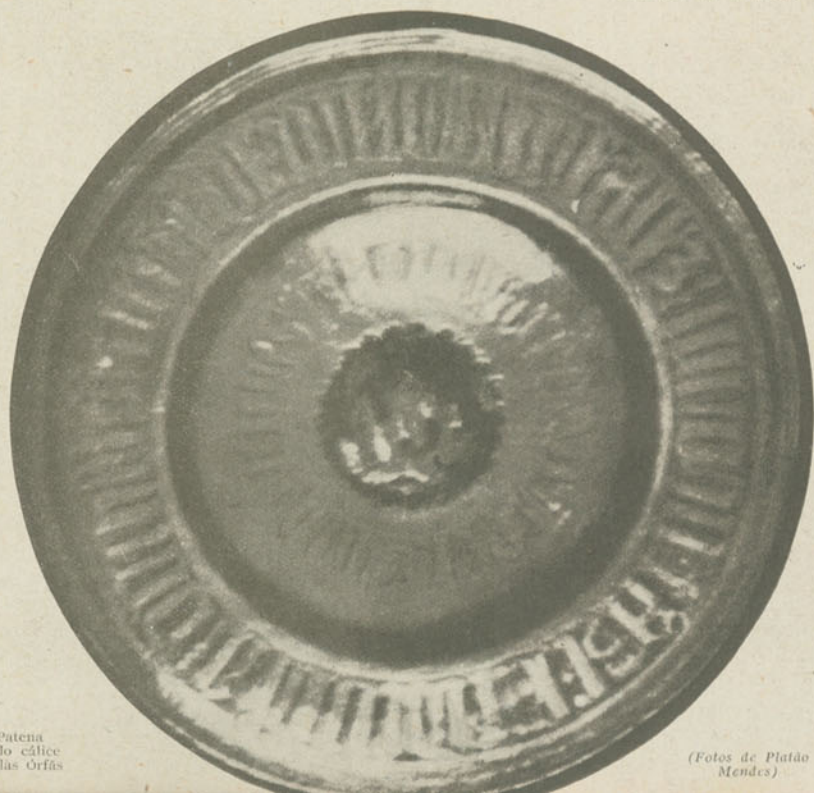
istis mine alli gravetur (Com estes nem pelo mínimo os outros sejam agravados).

Quási só *pointillé* constitue o ornato do reverso. Na sua cavidade central adapta-se uma placa brasonada (Maia e Teives) e rodeada por uma faixa com esta legenda: *Este caliz trouxe Ilena da Maia, filha da Maia, de N. Maia*, escrita em caracteres mixtos dos séculos XIII a XVI. Este brasão aparece triplicadamente, gravado a pontos, de forma rude, obscura, na orla.

O cálix do Recolhimento da Esperança é de menores proporções e de menos complexa ornamentação, conquanto seja perfeitamente igual na construção, na técnica e na índole decorativas, menos no lavor, que é inferior e, até, grosseiro. Tem a copa dividida em quatro faixas. Na superior corre a legenda gótica, aberta a buril: *Agnus dei qui tollis peccata mundi micere* (Cordeiro de Deus, que tiras os pecados do mundo, tende compaixão de nós), à qual falta o *nobis*. Folhagens diversas enchem as outras partes e no cordão divisório central estão fixos os aros dos tintinábulo, também desaparecidos.

O nó sobressai bastante. Forma-o uma

Patena do cálice das Orfãs



(Fotos de Plátão Mendes)

composição arquitectónica, de seis nichos baldaquinados, separados por botarços e arcos botantes, com remates de pináculos e platabanda flordelisada, em cujos fundos se encurvam as graças, à *jour*, das rosas do flamejante. Entre o nó e o pé fica uma fenestragem ogival, recolhida. Iguais rosas constituem as faces do pé, à volta do qual decorre a base, que comporta doze gômos diferentes. Dos maiores, três são preenchidos por folhagens frisadíssimas, e três são ocupados pelas figuras relevadas de S. João Baptista, Cristo na varanda de Pilatos e um bispo, cujo trabalho escultural é mui grosseiro, inferior ao do outro cálice. Chapas esmaltadas de verde cobrem os gômos menores.)

Pela mor parte do anverso da patena desdobram-se duas legendas góticas, abertas a buril: uma, à volta da orla, diz: *Este caliz mādou fazer a devota dona Melicia de Melo*; da outra, que cinge o escudo esmaltado fixo no centro, eis a letra: *Da pazem dñe ym diebus nostris* (Dá-nos, Senhor, a paz nos nossos dias). Compõem este escudo os mesmos emblemas da Paixão e a mesma legenda da patena do cálix grande.

É completamente liso o reverso. Todavia, na cavidade central, ajusta-se uma placa decorativa, redonda, gravada com a figura de Cristo em meio corpo, de mãos espalmadas, e com a cabeça inscrita na auréola da cruz grega — representação bizantina. Era completamente esmaltada; agora, está na cor natural. É de notar o bem desenhado e esculpido desta figura, mórmente a sua bela expressão fisionómica.

Nestas linhas e características gerais ficam bastantemente descritos os formosos cálices góticos da cidade, por delgadas e macias mãos de monjas piedosas, das monjas do vestuário e opulento mosteiro de Arouca, acariados durante os séculos de quinhentos a oitocentos.

CARLOS DE PASSOS.

MODAS



DOIS LINDOS MODELOS DE VESTIDOS DE PASSEIO QUE FIZERAM UM SUCESSO ENORME NAS ÚLTIMAS CORRIDAS DE CAVALOS EM PARIS



A ÚLTIMA MODA DE PARIS : UM CHAPÉU PEQUENO E ELEGANTE E UM VESTIDO COMPRIDO... POUCA A POUCA, A ELEGÂNCIA DO SÉCULO XX VAI-SE APROXIMANDO DO... SÉCULO XIX



NO PARQUE DOS PRÍNCIPES, EM PARIS, REALIZOU-SE UM CAMPEONATO DE AUTOMÓVEIS DISPUTADO ÚNICAMENTE POR ARTISTAS, CAMPEONATO QUE CONSTITUIU UMA VERDADEIRA PARADA DE ELEGÂNCIA. «MADEMOISELLE» DIANE DISPUTOU O CAMPEONATO UTILIZANDO UM CARRO ANTIGO, MODELO 1900.

ARTISTAS PORTUGUESES

João Carlos Celestino Gomes

Desenhador, Poeta, Pintor,
Novelista, Xilógrafo, Médico,

fala a um redactor
da
"ILUSTRAÇÃO,"



João Carlos Celestino Gomes, entrevistado, no Salão Silva Porto, por um redactor da Ilustração

João Carlos Celestino Gomes pertence àquella categoria de espiritos que não se definem: são, por sua natureza, tão ricos de força dinamizadora e de imprevisão, que

não é Vida; e, dentro da Vida, a Arte, mais do que nenhuma outra manifestação do espirito humano, deve ser ampla, profunda e livre, no sentido mais forte, mais inovador, mais *criacionista*, da expressão. E porque assim pensa, assim actua este admirável espirito de eleição, quando nos conduz pelos vastos domínios da sua arte subtil e original.

E não falo assim por amizade, que a amizade não me turbou a razão ao ponto de me cegar o entendimento e conduzir à louvaminha incondicional e sãloia. Feliz ou infelizmente, conheço de mais, por contacto directo, muitos dos grandes luminaires das Artes Lusitanas; e porque os conheço, sei bem o



Livros, por João Carlos

não cabem no círculo estreito dum rótulo ou duma etiqueta.

João Carlos Celestino Gomes — desenhista, pintor, novelista, poeta, médico, — não conhece escolas, nem influências de ninguém, pela única razão de que o *universalismo* da sua alma rebelde, não suporta espartilhos. É contra os moldes, as convenções, o *estático*, — porque a Vida, para elle, ou é universal ou

Conheço João Carlos desde as suas horas de boémia mais remota, desde as primeiras horas de *tertúlia* das «caves» do *Excelsior*. E nunca me fatiguei de admirar este singular espirito, a quem o tempo jámais faltou para realizar tudo o que em Arte pode realizar-se: Pintura, Escultura, Desenho, Poesia, Novela, Gravura em madeira e Entalhamento, não esquecendo a própria Música, em cujos segredos de composição só uma personalidade tão rica e maleável como a de João Carlos poderia revelar-se com êxito igual!

Mas é difficil, realmente, encontrar dentro ou fora de Portugal quem exceda ou iguale sequer este nobre temperamento de artista, porque elle deve ser caso único no grande mundo da Arte contemporânea. Porque João Carlos Celestino Gomes, não é, como bem pode supôr-se, um simples *curioso* ou *habilitoso* nos inúmeros sectores da sua actividade artística. Bem ao contrário, em tôdas as expressões criadoras da sua personalidade complexa — das mais complexas que podem baixar (baixar ou subir?...) à superficie da Terra — elle é sempre raro, excepcional, *exquisito*, — Artista!



Retrato do Dr. Henrique de Vilhena, por João Carlos

lugar que lhes compete — a elles, aos Mestres, — em relação ao *caso artístico* de João Carlos Celestino Gomes, o qual podendo ser, se quisesse, um autêntico e indiscutível Mestre de muita gente, se contenta em a «possibilidade» dum Mestre de si-próprio...

Aqui está porque João Carlos me interessa duplamente: porque sendo uma extraordinária possibilidade de muita coisa, se contenta em ser uma bela realidade de tódas as coisas. Podendo ser o «singular» da celebridade, prefer o «plural», de glória mais circunscrita, limitada quasi à roda dos seus amigos. Foge do «restritivo» para diluir-se no «universal». E porque sente, como ninguém, a alegria de ser tudo e tódas as coisas e tódas as emoções, êle, como ninguém, detesta as algemas, as restrições de ar livre, as fronteiras dos mundos das Artes.

Eis porque João Carlos, conseguindo ser êle sem alaridos, conseguindo realizar-se com uma naturalidade de origem quasi infantil, alheio às conquistas lisongeiras mas efêmeras, soube ganhar o maior culto da minha amizade e da minha admiração.

* * *

Há dias, pude abraçá-lo nesta cidade negra e triste que é o Porto, — cidade madrinha dos primeiros vãos literários e artísticos de Celes-

tino Gomes. E ao abraçá-lo, no ambiente acolhedor da sua bela exposição (tão bela e tão diferente de tódas as outras que dia a dia nos assaltam) lembrei-me da *Ilustração* e dos seus leitores, e senti o indefinível desejo de colher algumas palavras que reflectissem, mais do que uma simples conversa de amigos, a nítida fisionomia da sua independência de artista, da sua rebeldia, da sua forte maneira de conquistar a Vida.

Eis alguns cristais do seu pensamento, tão límpidos e tão originais como a sua personalidade. Quando a nossa palestra divaga para a Arte, sentimos chegada a hora da nossa colheita. João Carlos anima-se, empolga-se e diz, como nunca, as suas leis claras, as suas visões claras, as suas observações justíssimas e claras:

— Creia, Salgueiro: o latino, e essencialmente o português, é mais emotivo do que inovador. Os romances portugueses não têm conflito; são belas peças literárias, apenas. Ninguém engenha coisa nenhuma. Daí, o nós gostarmos, — *sentirmos* — um determinado *sentido*, e cortarmos, contentes, daquele padrão para nós-próprios sem mudar sequer o



Boncos, por João Carlos

feito ao figurino. O nosso Artista predilecto — e isto em tódas as manifestações da Arte — usa dum certo «cheviote» e nós desejamos logo infantilmente uma véstia da mesma fazenda. É claro que assim, sem sinceridade, sem *virgindade* como diziam os amigos de Marinetti, nós não podemos, porque ninguém pode, competir em Arte com os países de inovação, — a Rússia à frente de todos.

* * *

João Carlos toma fôlego para continuar breve:

— Quando surgiram os *bailes-russos*, tóda a gente escreveu *bailes-russos*, musicou *bailes-russos*, pintou *bailes-russos*. Depois veio o «picassismo», e não tardaram a vir todos os *picassinhos* sem talento nem gosto que para aí vemos dia a dia... Mas note-se que, em reforço da minha tese, devo assinalar que Picasso também não é um original, latino como é. Emocionado com certas fórmulas (de Hokusai e dos japoneses em especial, cortou também daquela padrão para a sua Arte... Refiro-me à fase mais conhecida de Picasso, é claro.

Nova pausa. E pouco depois, prosseguindo:

— A Arte portuguesa não é de Portugal como o foi a de *Quinhentos*, e só essa: é cosmopolita, encomendada pelas amostras lá de fora. Mesmo assim, há alguns artistas *individuais*, que sobre a técnica impõem o seu talento imperecível. Alguns nomes, ao acaso, sem escalas diferenciais: Almada, Diogo de Macedo, Abel Manta, Francisco Franco, Guilherme Felipe, Mário Eloy, etc....

* * *

Agora, a conversa descreve uma ligeira curva para tocar a crítica e os críticos. João Carlos é, como sempre, claro e preciso:

— Todos os críticos que se têm referido aos



IOANNES CAROLUS PECT. MCMXXIX

Intervalo, por João Carlos



Fandango, por João Carlos

meus quadros andam à volta do que em síntese disse um jornalista de Lisboa: — *O seu modernismo — passe o paradoxo verdadeiro — faz lembrar algumas gravuras antigas.* De facto, eu, que sou um avançado, que desejo o mais adiante do original (Federowsky, Amadeu de Sousa Cardoso, Leurat, Fujita, etc.) sinto uma estranha veneração pelo Primitivismo — os Boticelli, Van-Eyck, Nuno Gonçalves, Dürer. Mas não bebo em nenhum; humilde como sou, receio turvar a água pura da nascente. Acho que pretender pintar à maneira de algum dos Grandes, é supôr-se dotado das mesmas forças, — é *insultá-lo!*

Procurando definir o que seja a Arte:

— O que se tem escrito sobre concepção de Arte, enche bibliotecas de controvérsias que, a final, conduzem às mesmas conclusões. «A Arte — diz Eugénio Véron na sua *Esthétique* — não é mais do que a resultante natural do organismo humano constituído de forma a encontrar uma particular satisfação em certas combinações de formas, de linhas, de cores, de movimentos, de sons, de ritmos, de imagens. Mas estas combinações só lhe dão prazer quando exprimem os sentimentos e as emoções da alma humana em frente dos acidentes da vida ou do espectáculo das coisas». Desta definição de há quarenta anos, em pleno academismo, até ao manifesto futurista de há vinte, não vai uma grande distância. Recordemos algumas palavras: — «A nossa necessidade crescente de verdade já não se pode contentar com a Forma e a Cór como elas foram compreendidas até aqui. O gesto que nós queremos reproduzir não será já um instante fixado do dinamismo universal. Será simplesmente simples sensação dinâmica». Como se vê, fica de pé a definição essencial.

João Carlos pousa, fechando-o, o pequeno carnet de que se socorrera para recordar cer-

tas palavras, e recorda uma nota alegre da sua vida académica:

— Eu próprio, que há seis anos, no manifesto de Coimbra, por *blague* escrevi, sob o pseudónimo de Pereira S. Pedro, que queria «a Arte vestida de Nú, fora do Tédio-pardo-Morcêgo», só concebo Arte como necessidade inata de criar Beleza segundo a nossa própria concepção.

E com veemência:

— O Instinto dá-nos a noção de Boa e de Má-Acção. Eu gostaria que todos fizessem Arte de modo que a Consciência lhes afirmasse terem feito uma Boa-Acção!...

*
*

Divagando sobre o conceito do modernismo:

— Cada homem ocupa um certo lugar no tempo. É, pois, evidente que cada homem tem obrigação de ser do seu tempo — ou ser moderno, que é o verdadeiro significado da expressão. Mas há que contar apenas com o factor *tempo* e não com o factor *espaço* de que nos vemos todos rodeados. (Há «motivos-tabelas» de modernismo sem os quais os *modernistas* não concebem um trabalho modernista e que bastam para assim catalogar qual-

quer trabalho...) O Artista só, perante a sua época e o seu mundo-interior, eis o que é preciso, contando, é claro, com as manifestações atávicas latentes nesse mundo-interior.

O ritmo da conversa traça uma nova rota. Fala-se de aspirações, de sonhos, de projectos. Simples, humanamente simples, os sonhos de João Carlos:

— Projectos, tenho-os, mas creio que os não poderei realizar. Entretanto, dir-lhe-hei que a minha maior aspiração é continuar trabalhando, plásticamente, para realizar duas exposições: uma no Rio, outra em Paris. Literariamente, vou escrevendo as minhas novelas, os meus versos, os meus estudos de medicina... Mas falta ainda a minha maior aspiração *artística*: é que o meu filho venha a ser um Artista tão próprio, que ninguém se lembre do seu pai...

Bom fecho para uma ligeira palestra, fora dos moldes já gastos da consagrada entrevista, com perguntas e respostas engatilhadas... Aficam alguns reflexos do pensamento e da alma do grande Amigo e do nobre Artista que é João Carlos Celestino Gomes. Devem ser meditados.

Pôrto — 1931.

EDUARDO SALGUEIRO.



Infância, por João Carlos

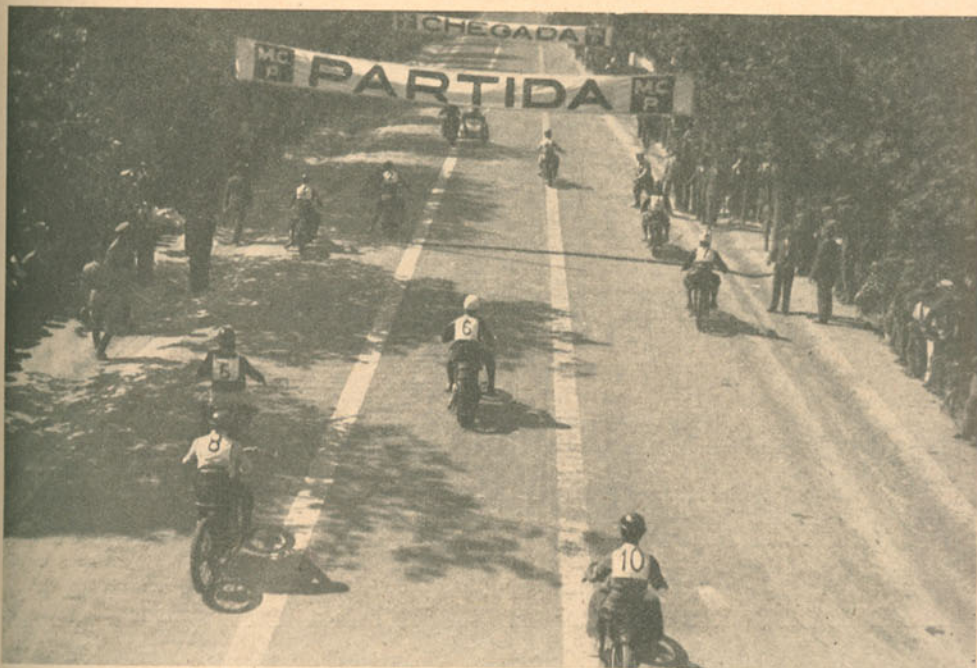
*Páginas
de Arte*



“LA BELLE
ET LA BÊTE”

CLICHÉ OLIVEIRA
(FOTO PORTUGALIA)

deSPORTos



REALIZOU-SE no Campo Grande uma corrida de motocicletas para a disputa do prêmio Presidente Carmona. A prova foi muito concorrida e resultou brilhantíssima. Os nossos motociclistas tiveram ocasião de mostrar as suas grandes qualidades desportivas e a sua coragem, fazendo tempos magníficos e alcançando velocidades que emocionaram a assistência que enchia completamente o recinto reservado às corridas.

VASCO-BEMFICA REFLEXÕES DE UM ESPECTADOR



O vencedor da corrida de motocicletas no Campo Grande

EM épocas transactas, um encontro, colocando frente a frente Benfica, campeão de Portugal, e Vasco da Gama, grupo brasileiro, teria sido um acontecimento desportivo, captando a atenção do público em equivalência aos maiores atractivos da vida internacional do *foot-ball* português.

Assim, no cás do momento que passa, foi apenas um jôgo que despertou interesse e curiosidade.

Grandeza e miséria das coisas e dos homens!

Dez camisolas vermelhas, alacres como papoilas ao sol, e dez manchas negras a contrastar na alvura do solo. As primeiras, irradiando fulgor, as segundas absorvendo luz.

Mas, no seguimento do jôgo, pouco a pouco se some o destaque da coloração rubra, empalidecendo e sumindo-se em neutras tonalidades cinzentas de indiferença, ofuscada pelo clarão dominador que ascende dos alvi-negros, em chamas de preciosismo técnico, de segurança avassaladora, de superioridade desportiva...

Três anos atrás. Num estádio monumental, perante uma multidão fremente e buliçosa,



O motociclista F. A. Oliveira, depois do desastre de que foi vítima durante a corrida de motos no Campo Grande

um outro grupo português luta, em terras de Santa Cruz, contra o mesmo Vasco que agora nos vem pagar a visita.



A *équipe* brasileira do Vasco da Gama dando um viva a Portugal!

A luta terminou empate, revestida de um valor que mais realça o descalabro presente; e porque esse grupo português ousou levar além-Atlântico o abraço fraternal do *foot-ball* lusitano, urdiu-se então contra ele a mais formidável campanha de imprensa, a mesma imprensa que agora patrocina e aplaudiu como necessária a pugna Vasco-Bemfica.

Justiça do tempo!

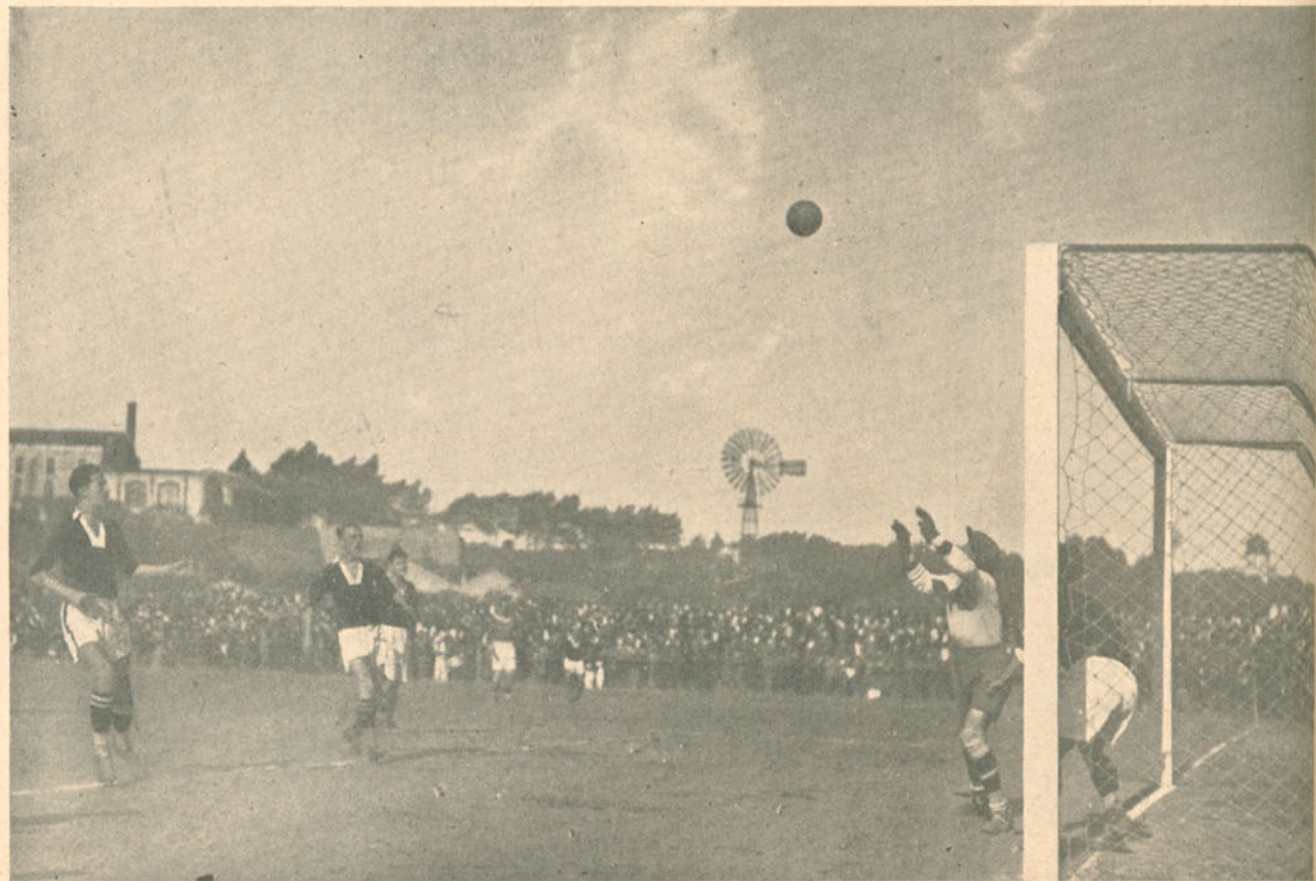
Vitor Silva encarnou a alma entusiástica dos vermelhos, e mais sobressafu no ambiente de morna actividade dos companheiros do grupo.

Os lampejos fulgurantes do avançado centro nacional, única nota reconfortante para o nosso conceito bairrista no meio de tamanha

Um aspecto do desafio Vasco da Gama-Bemfica, que terminou com a vitória do club brasileiro

pobreza, não bastaram para aquecer os ânimos da assistência, que presenciou friamente a lição de *savoir faire* dada pelos brasileiros. Os nossos fizeram figura de principiantes, sem moral para combater a superioridade contrária.

Felizmente que sabemos não ser aquele Bemfica, nem estar ainda tão baixo o nível do *foot-ball* português. SALAZAR CARREIRA.



DIVULGAÇÕES SOBRE O

"NÚ ARTÍSTICO"

Por Castello de Moraes, com bonecos de Tom.



MUITAS pessoas julgam que para os escritores está reservada por Deus a tarefa de endireitar o mundo. De aí, dêsse errado juízo, provêm as insinuações com que muitas vezes são deprimidos ou arreliados os desgraçados que fazem da pena a enxada quotidiana. Isto vem a propósito do Nú artístico. Vezes sem conta, moralistas arrogantes e modernos arrojados me têm reptado a escrever sobre o Nú.

Para êstes, a volta do Nú é o regresso à idade do ouro. A volta da Beleza helénica com todo o seu cortejo de graças, de ritos e de símbolos.

É Vénus a descer o Chiado, Ceres a debicar cerejas na várzea de Colares, Apolo a jogar a laranjinha no Arceiro entre dois copos de Bucelas e um pastel de bacalhau ensopado em mel do Himeto e acompanhado de figos de Siracusa.

Para os outros, a volta do Nú é o reinado da Bêsta, o império apocalíptico da Grande Rameira, a hegemonia do Inferno.

Os primeiros querem que a Paz do mundo e a Beleza universal dependam de um par de cuecas. Os segundos afirmam que, sobrepondo cuecas e camisolas, isto se concerta, como um pé quebrado, com ligaduras e algodões.

Para fazer a vontade a uns e a outros vou dizer o que penso do Nú artístico, tal como o vi em certa madrugada dêste inverno, em um frio barracão lisboeta depois do toque lúgubre das duas horas.

Simbolizando, porém, as duas correntes da opinião, escolho para dirigir estas linhas as duas pessoas que mais freqüentemente me têm falado no assunto.

É a primeira a sr.^a D. Maria do Carmo. Cinquenta anos bem conservados, buço, um

dêsses buços lisboetas que vão desaparecendo, e teorias, profundas e apertadas teorias sobre usos e costumes.

Seis ou sete vezes me tem ela pedido que escreva, que não deixe de escrever um artigo forte sobre o que ela chama—*aquela pouca vergonha...*

A segunda é o João de Montijo, teósofo que foi cubista e anda estudando meticolosamente o nudismo alemão.





João de Montijo quer amortalhar o último preconceito na sêda do último pijama. D. Maria do Carmo, pelo contrário, clama pelo vestido de cauda e pelas golas afogadas em *ruches* de tule encanudado e hermético.

Ora pois. Vamos lá ver se ponho de acôrdo o teósofo e a senhora.

Para poder falar no assunto tive de ir ver. Eu não sabia como era. A respeito de beleza ao ar livre estavam os meus olhos analfabetos de todo.

Em mármore, em tela, em tábuas ou em bronze tinham êles visto muito. As três graças, a Maja desnuda, a Psiqué, o Fauno de Praxiteles e o Frontão, haviam-nos elucidado sôbre as possibilidades da beleza humana em pêlo, mas, carne viva, beleza viva, carne extreme, isso nunca êles tinham visto em série, para gáudio e pasto da pupila universal.

E, como já disse, fui ver.

Horas mortas, perigosas, um silêncio de expectativa enredada.

Velhotes de sobretudos pardos e mocinhos glabros, aqui e além enristando as pupilas gulosas para a cortina verde. Para além desta relâmpagos de luz encarnada prometendo...

O público escasso impacientava-se.

—Então? Esse nú?

O Nú demorava-se. Por fim, a cortina arregaçou-se e o Nú apareceu.

Eram três os corpos. Três as elegias tristes. Três os responsos fúnebres pela Beleza morta. Debalde o electricista velhaco acendia lâmpadas de côres, debalde o pano de fundo bamboleava grandes lótus de prata para dar àquilo um mistério de serralho indú e de vício chinês. Não dava. Aquele orientalismo era *bordado por sua excelência* como um biombo de *corbeille*.

Os corpitos não se agüentavam nas posições gregas. As carnitãs moles pediam roupa. As côxas esnalgadas pediam calções de pagem com tufo golpeados.

Por tôda a parte sobejava brilho, escorria vazelina.

As pequenas tinham frio.

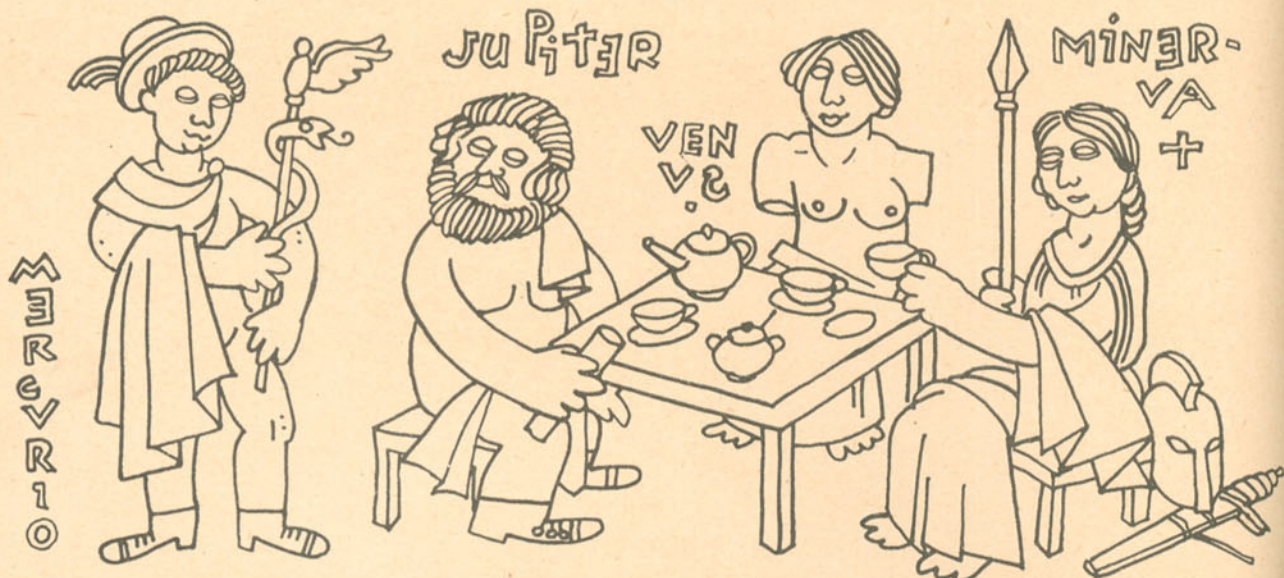
Um frio danado, bárbaro, que as transia e emperrava.

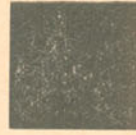
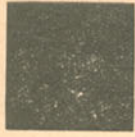
Não, D. Carmo, aquilo, se não é nada artístico, também não é nada imoral! Ali não há roupa que se deixou; há roupa que é preciso comprar.

Não recorda o Olimpo, lembra o Grandela. Aquele Nú não é invenção do Diabo que, no dizer do povo, é *costureiro*. O Diabo *te-cê-as*. O Diabo *tem uma capa...* etc. Logo, o demo gosta de roupa.

Não, D. Carmo, aquilo não é imoral, é triste. Não deixe o seu neto ir ver o Nú artístico. O pobre rapaz ficava tendo uma ideia tão desconsolada da Beleza Humana que certamente quebraria a raça dos Carmos e fazia-se carmelita.

Santo Agostinho, que em assuntos de moral pura era pouco propenso a transigências benévolas, não acusava os corpos mas sim os fatos e dizia, condenando profeticamente os *plissados*, que em cada prega de uma túnica se escondia um diabo impuro. Note, D. Carmo, que o santo nem sequer fala em cabelos, conquanto nos pareça, a nós, leigos





e.

na matéria, aí estavam melhor instalados os mafarricos.

Não, meu Teósofo, o que eu vi para além da cortina verde, não foi o Nú Divino das estátuas gregas. O que vi foi um pedaço de lesa Arte, de lesa saúde, de lesa-beleza.

Três raparigas a tremer com frio, exibindo, despidas, umas pobres carnes dessoradas.

Nestas épocas decadentes, o perigo está mais no fato do que na pele. Satanás bem o sabe. Foi êle que segredou ao primeiro homem a primeira indumentária e, talvez por isso, num assomo de gratidão, mais tarde o Homem também lhe vestiu aquele pêlo incombustível e farto que lhe cobre o torresmo maldito.

Não, aquele nú nem é moral nem imoral. É pobre, é frise, faz pena. Lembra melhor

Um dia, uma velhota, sua confessada, abordou-o fora do tribunal da penitência para desfazer um escrúpulo, tirar uma dúvida...

Era... e a velha titubiava com vergonha de confessar. Que... sim... que... se pintava. E não sabia se era pecado... pecado de vaidade...

O frade assestou na velha os óculos esper-tos e perguntou :

— Mas para que se pinta ?

— Para... para me fazer formosa...

Paternalmente, Frei Joaquim tocou-lhe com um dêdo no ombro e tranqüilizou-a :

— Podes continuar, filha, podes continuar.

Dessa beleza não virá mal ao mundo...

E assim, do Nú artístico, a-pesar de La-martine nos ter affiançado que o *espectáculo* está no espectador...

um *edredon* do que um jardim de Babilónia.

E lembra também uma anedota do Frei Joaquim do Espírito Santo, varatojano ilustre, que no século passado criou fama de santidade e pilhéria.



tom

e

DA TERRA DOS PRETOS

○ FEITICEIRO ○

NEM só na metrópole, na chamada terra dos brancos, há criaturinhas que se dedicam ao mister do bruxedo e seguem a doutrina de S. Cipriano — esse pobre santo que, sem conhecer uma só carta do baralho, serve de patriarca da benzilisse e com o qual muito *boa* gente se acoberta para extorquir dinheiro e objectos aos incautos, não. Também por estas terras, onde Lusbel formou a sua dinastia, ainda hoje reinante, segundo a lenda, e onde a cartilha cipriânica ainda não foi vista ou tão pouco lembrada, existem seres que se dedicam a esse belo ramo de indústria — (embora sem a perícia das feiticeiras metropolitanas, por vezes tão rendosa que há quem tenha feito fortuna com ela), ora convocando o espírito de um parente falecido, quer de pouca ou longa data, cego ou corcunda, por intermédio de um *corpo-aberto* como o da Júlia do Penedo — dessa bondosa rapariga que, para bem descobrir as coisas do Além, se tem aberto tantas vezes... a espíritos malignos — alguns dos quais já dormem descansadamente no mundo celestial devido a terem-lhe cumprido as promessas que em vida eles fizeram aos vários santos das suas devoções e com quem, ao finarem-se, ainda não estavam saldados na escrita e de cujo integral pagamento ela se tem encarregado, talvez, para demonstrar mais públicamente à humanidade o seu grande amor pelo próximo, como já tantas vezes tem feito, e a pureza da sua virtuosa obra; ou da D. Maria dos Pelames que, por intermédio de uma camisa ou meias sujas, ou das suas cartas *bentas*, não só dá alívio a almas a penar no fogo infernal, cura doenças graves, como ainda adivinha o número da sorte grande depois de ter andado a bugalha na Santa Casa da Misericórdia da Lisboa amada.

Aqui, porém, o feiticeiro não se dedica ao mister de trazer à fala as almas como na metrópole, pois receia, talvez, que lhe apareça a de algum jacaré e o leve às costas para o rio Cunene, mas somente em fazer bruxedo a

este ou àquele, ou na descoberta de qualquer indaca ⁽¹⁾ não precisando que o gratifiquem

por tal serviço com peças de linho ou libras em oiro, mas somente com bois, animais que usam na touca postes para a colocação das

⁽¹⁾ Questões.



O Feiticeiro, a personagem mais importante da tribo



Preparativos para um batuque sagrado, no planalto de Huila (Angola)

antenas da telegrafia sem fios—êsse grande invento que a humanidade deve ao cérebro pensante do sr. Marconi.

Sempre a imortal comédia para comer os ingénuos, santo Deus!...

Na metrópole, as bezeliras servem-se de mil anátemas para governarem a vidinha sem grande custo. Na África, o preto também se vale do mesmo *modo vivendi*.

A missão do Feiticeiro, na África, tem dois predicados únicos: —Fazer ou desfazer mal, ou descobrir crimes praticados pelo feitiço.

Se alguém há que se abeir de, pedindo-lhe para enfeitigar outrem, este personagem, não se cingindo às doutrinas de S. Cipriano, a quem desconhece, vai ao mato, colhe umas ervas, faz com elas um milongo (2), sem que careça de interferência do osso da canela do defunto e do coxão do frango preto desfeito ao lume em telha nova, e dá-o ao interessado que, ou o consegue ministrar, juntamente com qualquer bebida, à pessoa a quem pretende fazer mal, ou lho coloca à porta da sanzala. Se o atingido descobre o facto, por qualquer meio, vai ter com o *indrómima* para lhe desfazer o mal. E, então êle, por um modo austero, próprio da sua alta função social, pespega-lhe com um discurso em lunhanea (3) que é da gente deitar a fugir com as mãos agarradas ao ventre, pois não mettendo as frases ovacionantes do nosso amigo Pacheco, de Braga, filólogo e políglota das gerações vindouras, produz-nos a mesma hilaridade.

Depois dá-lhe um mêsinho (4), como contra veneno e o preto aí vai desinfeitado. Se se trata de algum indaca (5), o Feiticeiro, que nestes casos exerce as funções de juiz, chama as partes em litígio e faz crer ao acusado que

é o autor do crime que lhe imputam—embora êle o não tenha cometido. E o preto que a princípio diz que não, o que muitas vezes é verdade, no fim do assunto resolvido ficante que de facto é culpado.

Ainda há pouco, e a propósito disto, ouvimos contar um caso idêntico que se deu nas proximidades de Vila Arriaga. Ei-lo:

No sambo (6) dum preto caiu uma fãisca eléctrica que lhe matou quatro bois. O negro em cuja propriedade se deu o sinistro, foi queixar-se ao soba (7) de que êle lhe havia feito feitiço; e daí a morte do gado daquele modo. O Soba mandou chamar o acusado, bem como o Feiticeiro, para resolver a questão. Presentes todos, o suposto réu negou o

crime, alegando que não era obra dêle, mas sim de Jehovah. Mas o Feiticeiro é quem tem de fazer prevalecer as coisas, meteu-lhe um corno nas mãos (com licença dos outros) para o hipnotizar, e tanto teimou com o pobre do negro que êle teve de dar-se por vencido, ficando a crer que o facto era como o *indronima* do bruxedo dizia. O preto acusado foi condenado a pagar seis bois ao queixoso como indemnização e êste teve de dar ao Feiticeiro dois pelo trabalho.

Ora aqui está para que serve o Feiticeiro em África—pessoa *negra* por quem os pretos nutrem a mais alta consideração.

Até nestas terras, onde a civilização europeia é desconhecida, há quem se dedique ao mister da bruxaria—embora sem as habilidades das senhoras *donas* feiticeiras metropolitanas ou da madame Tebis. Que seria dos pobres pretos se estas *damas ilustres* se dessem para vir em vilegiatura até ao scrtão com a cartilha de S. Cipriano à prova de fogo? Isso então é que era de fugir. Haviam de fazer um apanhado... de gados nos sambos, que nem um tufão nos areais do deserto do Sahará.

O preto sempre é muito ingénuo!... Apesar que na metrópole também há muito lórpa.

E ainda afirmam que a vida não é uma comédia!...

Lá como cá, cá como lá...

Abissus, abissum invocat!... (8)

Sá da Bandeira—Setembro de 1930.

ZARCO DE ALMEIRIM.

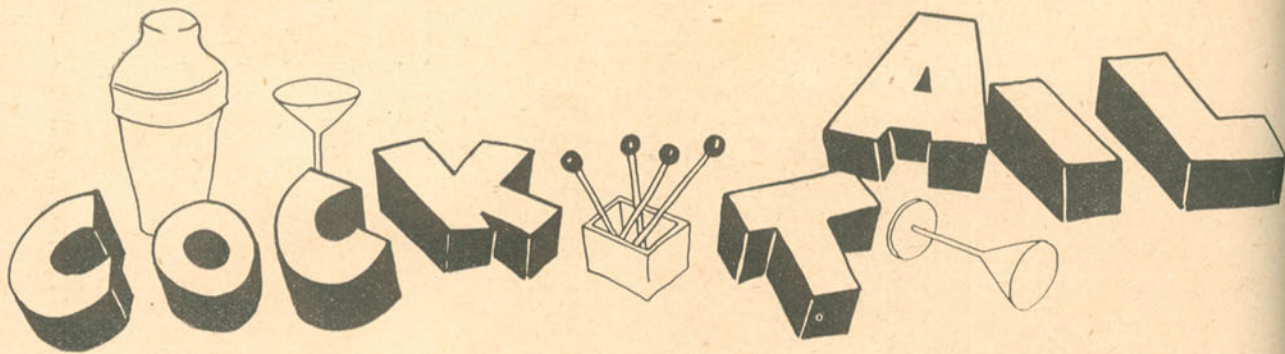
(1) Cortes do gado.
(2) Governador da região.

(3) O abismo chama o abismo.



O nosso colaborador Zarco de Almeida deixa-se fotografar junto da palhoça sagrada do feiticeiro

(4) Remédio.
(5) Idioma de preto do sul de Angola.
(6) Medicamento.
(7) Questão.



PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3		4		5	6	7	8
9			10		11		12		
13			14			15			
16			17			18		19	
		20		21		22		23	
	24				25			26	
27					28				
	29				30				
31				32					33
34	35	36		37			38	39	
40						41			

Horizontais: 1—Instrumento de ataque. 5—Afeição profunda. 9—Tritura com os dentes. 10—Ruído. 12—Argola. 13—Fôlha de palmeira. 14—Época. 15—Graça. 16—Nota. 19—Não presta. 20—Grande massa de água. 22—Corredor. 24—Habitação de índios. 25—Apertar. 27—Corpo simples. 28—Massa feita de tijôlo, cal e azeite. 29—Calhau. 30—De pequena estatura. 34—Parenta próxima. 37—Astro. 38—Presentear. 40—Cantiga. 41—Medida antiga.

Verticais: 1—Armadilha. 2—Ave. 3—Mediana. 4—Dá côr. 6—Conjunção. 7—Falam em público. 8—Girar sôbre si mesmo. 10—Promessa. 11—Noiva. 17—Indivíduo muito rico. 18—Lâmina de metal.

20—Fôsko. 21—Crivo. 22—Dose. 23—Fêmea de um roedor. 24—Possuir. 26—Curso de água. 31—Cinge. 32—Lista. 33—Nome de mulher. 35—Seguir. 36—Interjeição. 38—Proposição com artigo. 39—Artigo no plural.

BOM HUMOR

Em casa do ministro:
Um pretendente:—Sua Ex.^a está?
O criado:—Está, sim senhor, mas não está visível.
—Dá-me sempre essa resposta. Terei que trazer um telescópio quando cá voltar.

CONTRA A INSÔNIA

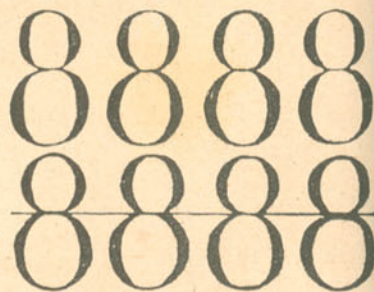
O autor:—Mas porque me leva mais pela impressão dêste meu livro, do que o costume?
O editor:—Porque os compositores estiveram constantemente a adormecer em cima do original.

AMOR À MODERNA

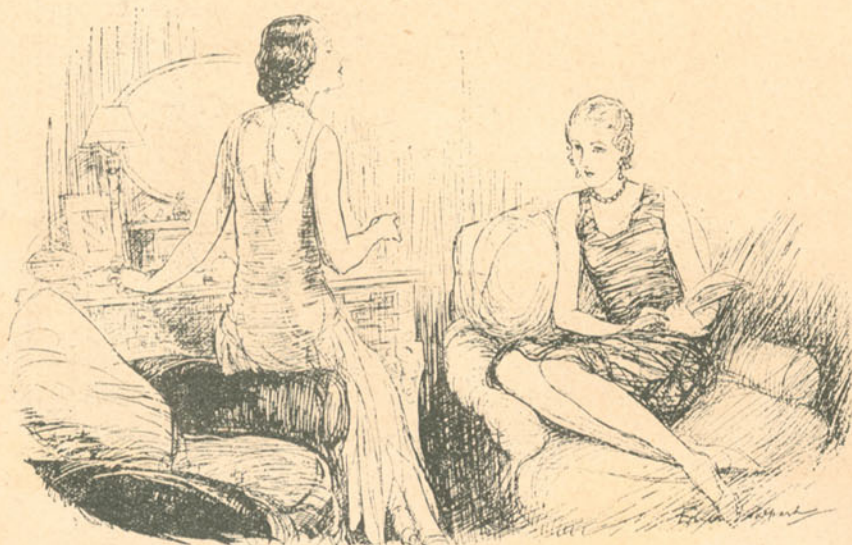
O novo rico:—Minha querida, tenho o grande desgosto de te comunicar que faliu mais um Banco. Estou arruinado!
Ela, fleugmática:—Paciência. Outro te substituirá!

ARITMÉTICA MÁGICA

Dizia um aluno do liceu para outro:—«Ês capaz de escrever uma fila de quatro algarismos que tenham um valor superior a oito mil quatrocentos e três e que, no entanto, sendo divididos em duas partes iguais, com a maior rectidão, o resultado seja nada?»
Respondeu-lhe o outro:
—«Está visto que não; nem mesmo isso pode ser.»
—«Pode tal—tornou o primeiro;—dá-me papel e lápis, que já te vou mostrar como»



podê. Aqui tens uma fila de algarismos que representam mais de 8.403. (Escreve):
«Agora divide-os em duas partes iguais, traçando uma linha pelo meio dêles, assim. E o resultado são oito zeros, que equivale a nada. Então, que me dizes? Tinha ou não tinha razão?»



A patrôa:—Ó Jóana, vocemecê não vê aquela teia de aranha? Vá já tirá-la dali.
A criada nova:—Já tinha visto, minha senhora, mas julgava que era qualquer coisa que pertencia ao aparelho da telefonia.

O hóspede em perspectiva:—Quanto é o aluguer dêste quarto, incluindo o direito de me servir do piano?
A dona da casa:—Olhe, faz favor toca primeiro qualquer coisa para eu ouvir, sim?

—Com que então, você não era capaz de partir para uma viagem à sexta-feira?
—Eu, não.
—Não posso compreender, como acredita assim numa superstição tão tôla.
—Não se trata de superstição nenhuma. Sábado é que é o meu dia de pagamento.

—Olha, vê lá se os meus lábios estão direitos!

(Do «Punch».)

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

OFICINA DE IMPRESSÃO

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

É nas oficinas desta Sociedade que se imprimem todos os belos trabalhos gráficos de

Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem ~ ~ ~

SECCÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
~ ~ ~ RÁPIDAS ~ ~ ~

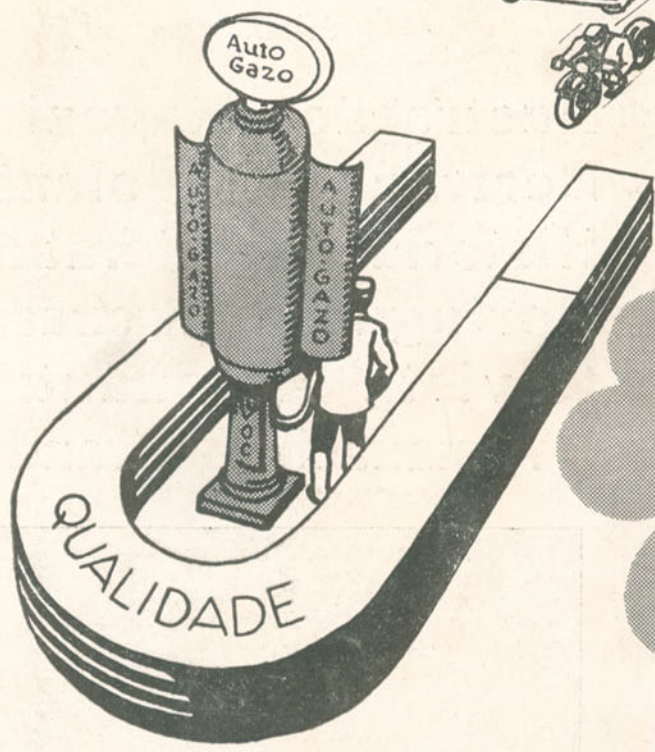
COMPOSIÇÃO MECANICA



OFICINA DE COMPOSIÇÃO

Amorpha

**A Gazolina Auto-Gazo
da VACUUM atrai
os automobilistas, por-
que é a sua verda-
deira mascote.**



VACUUM
OIL CO.